



ILHAS DE CALOR



Em cidades como São Paulo, a mistura de asfalto, concreto e poluição atmosférica dá origem a áreas com temperatura mais elevada e menor umidade do ar que são uma ameaça à saúde dos moradores.

Págs. 8 e 9



**Agronegócio
é o tema
do caderno
Fórum**

**Pesticida à base de
açúcar e óleo de soja**

Pág. 3

Cana reforça alimentação do gado

Pág. 4

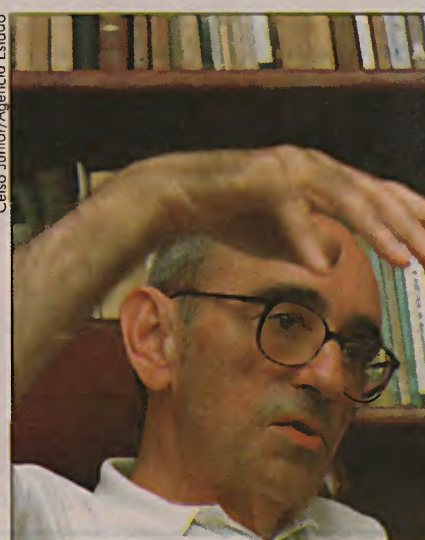
**Aparelho
estimula
emagrecimento**

Pág. 5

**logurte de
soja combate
colesterol**

Pág. 6

Um mestre bem-humorado



**Ironia é apontada
como traço
fundamental
da trajetória
poética de
José Paulo Paes**

Pág. 16

Menores infratores: a família é a culpada

NELSON PEDRO-SILVA

Jurandir Freire Costa, em artigo no *Jornal do Brasil*, em 25/4/1997, ao tecer considerações sobre o assassinato do índio Galdino, cometido por adolescentes de famílias de classe média e "bem situadas" no universo de poder de Brasília (DF), afirmou que "todos nós somos responsáveis" por aquele episódio. Essa declaração o levou a ser vítima de protestos, pois seus críticos acreditavam que o crime se trataria de um ato típico do modo de se expressar da juventude transviada de hoje: inconsequente, "mal-educada, desumana, perversa e selvagem", que não enxerga o diferente – no caso, o índio – como gente e, como tal, possuidor dos mesmos direitos. Logo, era um equívoco considerar todos os brasileiros responsáveis pela monstruosidade cometida por tais adolescentes.

Diante disso, Freire Costa, dois dias depois, no mesmo jornal, explicitou que não estava transferindo a culpa para a sociedade. Compreendia que efetivamente os adolescentes eram culpados e, dessa forma, deveriam sofrer as sanções previstas em nosso Código Penal. Ao dizer que "todos nós somos responsáveis", o autor tentava mostrar que a banalização da vida era um fenômeno produzido e mantido socialmente, isto é, por nós, membros dessa sociedade globocolonizada. Estávamos, assim, ligados àquele ato, pois – ao deixarmos de valorizar a educação de nossos filhos segundo as premissas do bom convívio social – os ensinamos a não gostar e a não respeitar gente.

Pois bem, emprego esse raciocínio para legitimar a opinião de uma parte expressiva dos profissionais da educação (especialmente dos professores), de que a culpada pela produção de menores infratores – protagonistas dos lamentáveis episódios vistos nas escolas e nas unidades da Febem, por exemplo – é a família.

Segundo o psicanalista Jacques Lacan, em *Os complexos familiares* (RJ: Jorge Zahar Editor, 1987), essa instituição é a responsável pela educação

primária, ao passo que a escola e as demais instituições, pela educação secundária. Argumenta ainda que o papel desenvolvido pela família é decisivo para a estruturação da personalidade daqueles que nascem no seu interior, já que todo o processo educativo fundamenta-se na afetividade, diferentemente das outras agências educativas, que devem recorrer ao intelecto. Ora, a fa-



Imagem produzida a partir de foto de Elliot Erwitt

mília – ao não cumprir com as suas obrigações de socialização – é, em decorrência, a culpada pela produção de menores infratores e, indiretamente, por seus crimes.

O problema é que – fundamentando-me em Freire Costa – se ela é culpada, não é a responsável pela existência dos bandidos e assassinos menores de idade. A impunidade, o próprio aparato repressor – educado na pedagogia da violência –, a morosidade do sistema judiciário e a nem sempre devida isenção de membros deste Poder, a inoperância das instituições criadas para a reeducação dos considerados transgressores (transformadas, ao contrário, em centros de formação de criminosos), a falta de escolaridade e o analfa-

betismo funcional, a situação econômica e seus correlatos (o desemprego, a falta de perspectiva, a estagnação ou involução social), o uso de drogas lícitas e ilícitas como válvulas de escape e/ou a transformação de atividades virtuosas em vícios pós-modernos, como a prática de relações sexuais como um fim em si mesmas, os exercícios físicos desmedidos, a ingestão de alimentos

danosos à saúde e de modo descontrolado e o consumismo compulsivo formam um caldo de cultura propício à produção de indivíduos que pouca importância dão à vida.

Como disse o psicanalista Renato Mezan, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, em 1º/11/1992, numa sociedade excludente para mais de 90% das crianças que nela nascem, quem é que vive? Em razão de tais aspectos, de que adianta ficar culpando a família pelas condutas violentas dos nossos menores? Isso não ajudará em nada a resolver o problema. Ao agir assim, estar-se-á sendo ainda mais perverso com as famílias, que já sofreram todo tipo de acusação pelos males sociais, e, ao contrário, contribuindo para a produção de mais violência.

Ilustremos com uma situação corriqueira: quando são convocados para as reuniões escolares, freqüentemente os pais só escutam queixas de que seus filhos são indisciplinados e violentos. Depois de algum tempo, a maioria deles deixa de comparecer às reuniões. Se nós estivéssemos no lugar desses pais, certamente faríamos o mesmo. Dentre vários motivos, o filho é um prolongamento da nossa existência, pois depositamos nele todos os nossos sonhos não realizados. Assim, desqualificá-lo significa desclassificar os próprios pais, pois eles fracassaram no intento de tornar o seu pequeno um ser melhor. Pior: eles sequer conseguiram transformá-lo em alguém feito "à sua imagem e semelhança", ou seja, subserviente à ordem social em voga.

Parafraseando Freire Costa, "as crianças e os adolescentes infratores não são monstros: eles simplesmente vêm sendo descerebrados e transformados em bocas, narizes ou braços para entrada de drogas; corpos desumanizados e reciclados como cabides para artigos de moda, e, o mais grave, amplificadores da crença idiota de que somos habitantes de um delirante lugar entre a Terra e a Lua, onde não existem fome, desemprego, esgotos a céu aberto, analfabetismo, prostituição infantil e uma das piores, senão a pior, concentração de renda do planeta. [...] Vamos ensinar a nossos filhos que não há dinheiro, sucesso ou poder que possa transformar o mundo num lugar de solidariedade, amizade e alegria".

Nelson Pedro-Silva, psicólogo e professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Assis, é coordenador do Centro Virtual de Estudos e de Intervenção sobre a Indisciplina e a Violência Escolar "Bärbel Inhelder". É autor do livro *Ética, indisciplina & violência nas escolas* (Editora Vozes), publicado em 2004, em 2ª edição. E-mail: nelsonp1@terra.com.br

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Pró-reitor de Administração: Júlio Cezar Durigan
Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretária-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
Assessoria de Informática: Milton Hirozaku Shimabukuro
Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
Diretores das Unidades Universitárias: Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), Rosemary Adriana Chiéreri Marcantonio (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), José Brás Barreto de Oliveira (FC-Bauru), Lauro Henrique Mello Chueiri (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Pasqual Barretti – *pro tempore* (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-

Botucatu), Hélio Borghi (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Roberval Dalton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullio Vigevani (FFC-Marília), Neri Alves (FCT-Presidente Prudente), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Johnny Rizzieri Olivieri (Ibilce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente)
Coordenadores executivos das Unidades Diferenciadas: Mario de Beni Arrigoni (Dracena), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), João Lima Santana Neto (Ourinhos), Sérgio Hugo Benez (Registro), Messias Meneguette Junior (Rosana), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba/Iperó) e Elias José Simon (Tupã).



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ
Governador: Geraldo Alckmin

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO
Secretário: João Carlos de Souza Melrelles

Jornal unesp

Assessor-chefe: Maurício Tuffani
Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
Editor: André Louzas
Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
Programação Visual: J&I Artes Gráficas
Colaboraram nesta edição: Chico Rocatelli, Daniele Frederico, Eliete Soares, Hudson Barbosa de Almeida, Liliane Zimburg, Paulo Homem, Regina Agrella, Renato Coelho, Thor Crespi Amêndola (fotografia); Igor Zolnerkevic (texto) e Ricardo Dias da Costa (texto e fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Versão on-line: Paulo Rocha
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (11) 3252-0323. Fax: (11) 3252-0207.
Home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

Um pesticida à base de açúcar e óleo de soja

Substância combate pragas agrícolas, não faz mal à saúde e ao ambiente e tem custo baixo de produção

Pesquisadores de dois campi da UNESP estão desenvolvendo um pesticida a partir da sacarose da cana-de-açúcar e de óleo de soja. Em testes de laboratório, o produto já apresentou resultados bastante animadores contra importantes inimigos dos agricultores: a mosca-branca, a lagarta-do-cartucho-do-milho e os ácaros *Calacarus heveae* e *Tetranychus ogmophallus*.

O novo exterminador de pragas é composto principalmente por ésteres de sacarose – substâncias derivadas do açúcar utilizadas na indústria, por exemplo, para produzir alimentos sem gordura (*fat-free*) e garantir maior viscosidade a remédios. Os ésteres destroem a camada de gordura do exoesqueleto, a estrutura que sustenta o corpo desses animais. Ao se romper tal defesa, cuja principal função é evitar a perda de água desses organismos, eles morrem por desidratação (*leia texto*).

Os trabalhos envolvem uma equipe coordenada pelos professores Maurício Boscolo e Reinaldo José Fazzio Feres, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), campus de São José do Rio Preto, e Odair Aparecido Fernandes, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), campus de Jaboticabal.

Efeito comprovado

Boscolo explica que o pesticida é produzido a partir de reações químicas com açúcar, óleo de soja e um catalisador – substância que promove a reação. Em seguida, o produto é dissolvido em água, numa proporção que vai de 2 a 20 gramas

de éster por litro, dependendo do “alvo”.

No caso dos insetos, Fernandes relata que, em testes de laboratório e em casas de vegetação (cultivos protegidos), a substância eliminou entre 90% e 100% das populações da mosca-branca e da lagarta-do-cartucho-do-milho. A primeira praga ataca mais de 700 espécies de plantas, incluindo hortaliças como o tomate e frutas como o melão; a segunda, infesta principalmente culturas de milho e algodão. “Ainda não definimos a dosagem mais apropriada para cada uma delas, mas mesmo nas concentrações mais baixas obtivemos bons resultados”, ressalta o docente da FCAV.

Em relação aos ácaros, Feres assinala que o produto, na concentração de 10 gramas/litro, obteve uma eficácia que chegou até a 93%, em testes de laboratório. O docente explica que, no caso do *Calacarus heveae* (que afeta seringueiras), esse resultado foi obtido num prazo de 24 horas, e na população de *Tetranychus ogmophallus* (presente em culturas de amendoim e plantas ornamentais), em 48 horas. “O efeito obtido, nesse período de tempo, pode ser considerado muito bom”, analisa (*leia texto abaixo*).

Ação natural

Segundo Boscolo, o pesticida produz efeitos tanto ao atingir o corpo do animal



Boscolo e Feres (acima), entre pés de seringueira, e Fernandes (ao lado): resultados muito animadores em testes de laboratório



Divulgação

quanto ao se depositar na superfície dos vegetais. “No segundo caso, por sua viscosidade, o produto adere às pernas do animal que, devido ao esforço para liberá-las, deixa de se alimentar da planta e transmitir doenças, acabando por fugir para outro local ou morrendo em função do estresse”, explica.

Por ser composto de ésteres de açúcar, Fernandes enfatiza que o produto não oferece risco para a saúde. “Como também é biodegradável, não polui o ambiente nem afeta o desenvolvimento da planta”, esclarece. O pesquisador assinala, ainda, a ação seletiva da substância, que não elimina os insetos predadores das pragas, como ocorre com os pesticidas tóxicos: “Esses predadores não são tão afetados pelos derivados da sacarose”, explica.

Boscolo acrescenta que o pesticida desenvolvido no Ibilce tem ação tóxica, ou seja, age apenas na estrutura do exoesqueleto, enquanto os similares tóxicos têm

ação sistêmica, interferindo no funcionamento das células dos animais. “A ação tóxica impede que esses organismos desenvolvam defesas contra a substância à base do éster”, comenta.

Uma outra vantagem é o custo de produção. Boscolo assinala que, com menos de R\$ 5,00, é possível adquirir açúcar e óleo de soja suficientes para obter 1 quilo do pesticida. Diluído em água, esse volume do produto rende 500 litros, capazes de pulverizar cerca de 1 hectare de uma cultura como o tomate. “Para proteger essa área com pesticidas disponíveis no mercado, o agricultor chega a gastar R\$ 100,00”, compara.

A equipe espera iniciar, ainda em 2005, uma nova etapa de atividades, promovendo testes de campo. Os estudos, que têm gerado dissertações de mestrado e trabalhos de iniciação científica, recebem o apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

André Louzas

(Colaborou Lúcia de Mello Barbosa Luca, Bolsista UNESP/Universia/Ibilce)

Controle natural de ácaros



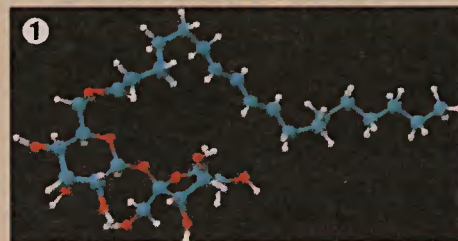
O professor Reinaldo José Fazzio Feres coordena outros estudos para o controle de ácaros-pragas de plantas, com ênfase na cultura de seringueira (*Hevea brasiliensis*), no Laboratório de Acarologia do Ibilce. Os trabalhos estão relacionados a projetos de manejo ecológico, em que ácaros fitófagos (que se alimentam do conteúdo das células vegetais) são predadores por outros ácaros, principalmente da família *Phytoseiidae*. O projeto promove o levantamento de ácaros associados a plantas silvestres e cultivadas. Entre as silvestres, seleciona as que abrigam maior diversidade de predadores.

O grupo já definiu três plantas encontradas nas matas remanescentes no noroeste paulista. “Pretendemos consolidar uma colaboração com o Instituto Florestal a fim de avaliar a viabilidade das espécies selecionadas”, afirma o pesquisador. O objetivo é obter vegetais

que possam ser plantados nas bordas das plantações, como “quebra-vento”, ou no interior dos cultivos, tornando-se a “base de ataque” aos ácaros fitófagos.

O grupo analisa também a influência de fragmentos de vegetação nativa sobre cultivos vizinhos de seringueira, como fontes de espécies predadoras e fungos nocivos aos ácaros-pragas, bem como a resistência de variedades dessa planta ao *Calacarus heveae*. Nessa linha de pesquisa, conta com a parceria da empresa Michelin, proprietária da maior fazenda de cultivo de seringueiras da América Latina, em Itiquira (MT).

Feres é, ainda, o curador de uma coleção de 5 mil lâminas com espécies de ácaros, em especial os associados a plantas. “A coleção contém 11 holótipos, ou seja, exemplares que serviram de modelo para a descrição de novas espécies”, afirma. Informações sobre a coleção estão disponíveis nos sites do Cria (Centro de Referência em Informação Ambiental) (http://splink.cria.org.br/simple_search?criaLANG=pt) e do Laboratório de Acarologia (www.dzb.ibilce.unesp.br/labaca/index.html). (AL)



Os efeitos da substância

1. Estrutura química do derivado da sacarose que forma o pesticida.
2. Ação da substância: o escurecimento do ácaro indica que ele morreu por desidratação.
3. Detalhe da asa da mosca-branca, mostrando como o produto dissolve a gordura protetora do inseto.



Cana para alimentar o gado

Solução econômica utiliza a adição de cal micropulverizada ao vegetal, a fim de facilitar a digestão do rebanho

Um processo desenvolvido no *campus* de Jaboticabal permite que o produtor rural possa usar cana-de-açúcar em maiores volumes na alimentação do gado leiteiro e de corte. A acidez e o excesso de fibras desse vegetal restringem sua utilização na dieta cotidiana dos bovinos, que durante o inverno sofrem com a redução das opções de comida. A novidade envolve a técnica de hidrólise, que consiste em alterar a composição química da matéria seca e da fibra resultantes do processamento da cana.

De acordo com Mauro Dal Secco de Oliveira, professor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), essa solução envolve a adição à cana da cal micropulverizada, substância alcalinizante, ou seja, que neutraliza a acidez desse vegetal, tornando-o mais digerível. A cal micropulverizada ou micropulverizada é um produto de origem mineral – à base de óxido de cálcio –, que passa por um processo industrial. “Trata-se de um produto totalmente diferente da cal virgem utilizada em construção, inadequada para a hidrólise da cana”, esclarece o docente.

A alternativa garante o fornecimento de substâncias como proteínas e minerais por um custo mais baixo do que no caso de outros produtos disponíveis para os agricultores. “A cal micropulverizada ajuda a manter o peso do animal e a produção de leite”, assegura o zootecnista. Especialista na área, o docente é autor do livro *Aspectos gerais da cana-de-açúcar na ali-*

mentação do bovino, editado pela Fundação de Apoio a Pesquisa, Ensino e Extensão (Funep), do *campus* de Jaboticabal. “A hidrólise é uma prática possível para grandes e pequenos produtores”, diz.

Maior durabilidade

Oliveira assinala que a hidrólise também garante que a cana fique por mais tempo em condições de ser digerida pelo animal, eliminando a necessidade de cortes diários dessa planta para garantir alimentação “fresca”. “Com isso, cai o custo operacional com mão-de-obra e combustível”, diz.

De acordo com o docente, o pecuarista deverá ficar atento ao tipo de cal recomendado, pois, dependendo da origem da rocha calcária, a composição química poderá ser diferente em termos de volume de óxido de cálcio e de óxido de magnésio, além de conter outras substâncias que poderão ser prejudiciais ao gado leiteiro ou de corte.

O zootecnista esclarece que os efeitos da cana hidrolisada ocorrem no rúmen, uma das câmaras do estômago dos bovinos, onde agem os microrganismos que atuam sobre a matéria seca dos alimentos, inclusive a fibra dos vegetais. Ele ressalta que a cana hidrolisada deverá ser fornecida aos animais com algum complemento protéico, que pode ser concentrado de farelo de soja, de algodão ou uréia, a fim de atender às necessidades nutricionais do gado.

Genira Chagas



Paulo Liebert/Agência Estado

Corte de cana: alternativa garante suprimento de proteínas e minerais para bovinos

Como preparar o produto

Diluir 0,5 kg de cal micropulverizada (CaO), específica para a hidrólise da cana-de-açúcar, em 2 litros de água. Misturar homogeneamente com 100 kg de cana picada. Deixar em repouso por no mínimo dez horas. Para fornecer aos animais, o preparado deve ser feito de preferência no dia anterior.

Para quantidades menores, a mistura da cana com a solução de cal pode ser realizada em balde de plástico ou regador. No caso da hidrólise em grande quantidade, sugere-se o uso de equipamento específico, acoplado à picadeira, móvel ou fixa.

É ideal manter a cana hidrolisada em pequenos amontoados, conforme planejamento de uso, ou seja, em função da quantidade diária por animal. O produtor pode, também, planejar a hidrólise de uma quantidade suficiente para a alimentação do gado durante o final de semana.

(GC)



Thor Crespi Amêndola

Sistema funciona como um diário da vida de animais, como as ovelhas

INFORMÁTICA

Software controla ovinos

Programa organiza dados zootécnicos e veterinários

Professores do curso de Medicina Veterinária, *campus* de Araçatuba, desenvolveram o Sistema de Gerenciamento de Ovinos, *software* que funciona como uma espécie de diário onde se pode anotar a vida de ovelhas e carneiros. O projeto comporta informações sobre controle de pesagens, abates, mortes naturais, partos, doenças e manejo, além de registro de acompanhamentos zootécnicos e veterinários do rebanho.

De acordo com o docente Cecílio Viega Soares Filho, o sistema foi executado por meio de uma parceria entre vários departamentos da unidade, profissionais da área de informática e pe-

cuária. “Nosso objetivo foi garantir que o *software* responda à necessidade do ovinocultor”, diz Soares Filho. Além dele, estão envolvidos no projeto os docentes Kátia Midori Yabuque Maeoka, Patrícia Rosa Mendes dos Santos, Débora Testoni Dias e Reinaldo Inácio Mendes.

O lançamento oficial do programa aconteceu em maio no Agrishow 2005, em Ribeirão Preto (SP). O *software* oferece todas as informações necessárias ao controle do rebanho de maneira simplificada. Cópias gratuitas podem ser obtidas no endereço www.foa.unesp.br/ovinos

Fabiano Lopes Souza
Bolsista UNESP/Universia/FO

EXTENSÃO

Parceria beneficia agricultores

Projeto vai transferir tecnologia para assentados rurais

Uma parceria entre o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), a Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) da UNESP, *campus* de Botucatu, e a Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais (Fepaf) resultou em um projeto de transferência de tecnologia para os assentamentos rurais do Estado de São Paulo que são de responsabilidade do órgão federal. Serão beneficiadas 4.283 famílias das regiões de Andradina, Araraquara, Lavras, Presidente Epitácio, Promissão, Teodoro Sampaio e Vale do Paraíba.

A iniciativa, oficializada em abril, prevê que agricultores de 53 assentamentos rurais sejam capacitados para se tornarem pequenos empresários da agricultura, passando a integrar a cadeia do agronegócio. “É a primeira vez que se tem uma parceria desse porte no País envolvendo os assentamentos rurais e a Universidade”, diz o diretor da FCA, Leonardo Theodoro Büll.

O primeiro programa da parceria, que envolve a capacitação de agricultores no uso de técnicas para correção do solo, receberá um valor aproximado de R\$ 1,2 milhão. “O projeto abrange o treinamento de 120 agricultores, que se tornarão agentes difusores das técnicas adequadas de



Divulgação

Assentamento recebe calcário: apoio a famílias

coleta de solo para análise”, diz Büll. Estão programadas cerca de 80 palestras técnicas. A idéia é informar e debater com as famílias de assentados a importância do solo na produção agropecuária e os cuidados para assegurar produtividade com sustentabilidade.

A coordenação do trabalho, que envolve alunos de graduação e de pós-graduação, é do agrônomo Osmar Bueno de Carvalho, do Departamento de Gestão e Tecnologia Agro-Industrial da FCA. Também participa do projeto o Departamento de Recursos Naturais, área de Ciências do Solo. “O próximo acordo da parceria prevê orientação aos pequenos agricultores sobre a melhor cultura para cada região, de acordo com as condições do solo”, finaliza Büll.

PESQUISA

Aparelho estimula emagrecimento

Associado a dieta, uso do produto obteve até 20% de redução de peso em pacientes, num período de seis semanas

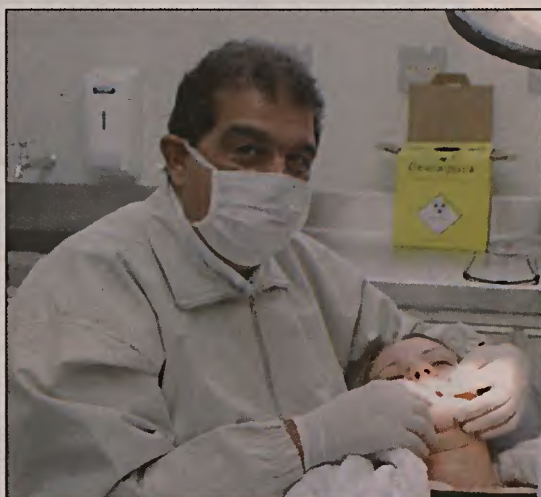
Um aparelho utilizado para impedir a abertura da boca em casos de cirurgias de correção da mandíbula ou de recuperação de fraturas faciais foi adaptado para o tratamento de pessoas obesas. A solução foi idealizada no Hospital de Clínicas do campus de Botucatu, onde o aparelho, associado a uma dieta de líquidos, obteve uma média de 7% de redução de peso entre os participantes de uma pesquisa, num prazo de um mês e meio.

Conhecido como fixador intermandibular, o produto é formado por *brackets* (fios metálicos que se prendem aos dentes) e elásticos. Por meio de seu uso, 17 mulheres e cinco homens, com idade entre 16 a 53 anos, conseguiram emagrecer até 20%, em 42 dias. “Isto significa que, se os fixadores forem utilizados durante um ano, a pessoa poderá perder perto de 30% do peso, um resultado semelhante aos alcançados pela cirurgia de redução de estômago, porém sem os riscos dessa opção”, argumenta o autor da idéia, Fausto Viterbo, professor do Departamento de Cirurgia e Ortopedia da Faculdade de Medicina (FM).

Viterbo pensou nessa solução após analisar os depoimentos das pessoas que se submetiam à cirurgia ortognática. Elas geralmente lhe diziam ter emagrecido, por causa da dieta líquida que precisavam ingerir, pela impossibilidade de abrir a boca. “Decidi, então, aplicar o mesmo procedimento em pacientes com obesidade mórbida”, afirma.



Viterbo (esq.) e Mazzoni: participantes do estudo superaram dificuldade inicial para falar



dos índices de co-morbidade, como pressão sanguínea, diabetes, colesterol e triglicérides”, afirma. A médica acredita que o procedimento pode substituir a aplicação do balão intragástrico, geralmente utilizado antes da cirurgia para diminuição do estômago, que necessita internação hospitalar e envolve custos bem maiores.

Célia ressalva que a aplicação do fixador, associada a uma dieta à base de sopas com 1.200 calorias, leite e sucos de frutas, não é suficiente para vencer definitivamente a luta contra a balança, se

as pessoas não mudarem os hábitos alimentares. “Durante o acompanhamento semanal, procuramos passar para os pacientes conceitos de reeducação alimentar, a fim de que eles não voltem a engordar”, adverte.

Um exemplo desse risco de retomada do peso é o auxiliar de enfermagem Fernando Vieira, que perdeu 30 kg, depois de usar o aparelho e ser submetido à dieta em duas oportunidades. Logo em seguida, porém, ele voltou a comer e engordou novamente. “Pesava 150 kg no começo e baixei para 120 kg, no final do tratamento”, afirma. Mais recentemente, Vieira se submeteu à cirurgia de redução de estômago e após oito meses emagreceu 45 kg.

Outra participante do estudo, a professora Janete Aparecida Fernandes aprovou a experiência. Inicialmente com 137 kg, Janete perdeu 14 kg depois de seis semanas. “No começo, senti dificuldade ao falar durante as aulas, mas logo me acostumei”, opina a docente, que se prepara para fazer a cirurgia de redução de estômago. “Para quem quiser emagrecer o método é bom, mas considero importante a reeducação alimentar.”

Julio Zanella



Célia: dieta à base de sopas

Segundo Augusto Mazzoni, coordenador do Serviço Odontológico do HC, que aplicou o aparelho nos pacientes, a peça deve ser retirada semanalmente durante o tratamento, para limpeza e aplicação de flúor. “Na primeira semana, há um certo desconforto, devido à dificuldade para falar, mas isso se dissipa depois desse período”, observa o cirurgião-dentista. “Em alguns casos, esse procedimento quebra a compulsão que a pessoa tem de comer.” O custo da novidade fica em torno de R\$ 1.300,00.

Reeducação alimentar

Responsável pela dieta líquida criada para o grupo avaliado, a endocrinologista Célia Nogueira considerou excelentes os resultados obtidos, não apenas pela redução de peso, mas também pela melhora do estado clínico dos participantes. “No final das seis semanas, todos os pacientes normalizaram os chama-

PRÊMIO

Academia destaca pesquisa

Trabalho aborda lesões causadas por animais peçonhentos



Haddad Júnior: publicação em livro

O dermatologista Vidal Haddad Júnior, docente da UNESP, campus de Botucatu, recebeu o Prêmio Carlos Chagas, edição 2005, concedido pela Academia Nacional de Medicina (ANM) para autores de trabalhos médicos na área de moléstias infecciosas. A cerimônia de entrega ocorreu no final de junho, na sede da instituição, no Rio de Janeiro. “Esse prêmio ilustra a relevância da minha pesquisa para a clínica médica”, diz Haddad Júnior, professor da Faculdade de Medicina (FM).

Totalmente ilustrado, o trabalho é intitulado *Acidentes provocados por animais peçonhentos manifestando-se por lesões cutâneas e seus diagnósticos diferenciais com outras enfermidades na clínica médica*. “Há uma enorme variedade de fotos que ajudam a diferenciar os tipos de lesões causados por animais peçonhentos, cuja aparência é semelhante à das causadas por ferimentos de outras origens”, diz o médico. Por sua importância, o estudo deverá ser publicado em livro.

Autor do *Atlas de animais aquáticos perigosos do Brasil*, Haddad Júnior dedica-se ao tema desde sua pesquisa de doutorado, concluída em 1999. Além do livro, tem vários artigos publicados, além de capítulos de livros. O objetivo da ANM, fundada em 1829, é promover e debater a ciência médica, congregando profissionais que se destacam em suas atividades e auxiliar na solução de questões da área de saúde pública.

SERVIÇO

Farmácia ganha novo espaço

Local agora tem controle informatizado de estoque

Para atender melhor os pacientes que dependem de medicamento de uso contínuo, foram inauguradas, em junho, as novas instalações da farmácia de remédios de alto custo do Hospital de Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, campus de Botucatu. O serviço, que funciona em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado, beneficia cerca de 2.200 pacientes por mês, com remédios para moléstias como osteoporose, hepatite C, acne severa e asma.

Estão disponíveis no novo espaço cerca de 200 itens, para atender à população de 31 municípios. Durante a inauguração, o secretário estadual de Saúde, Luiz Roberto Barradas Barata, destacou que, com a informatização da farmácia, o controle de estoque será facilitado e dificilmente haverá falta de medicamentos. O reitor da UNESP, Marcos Macari, também presente ao evento, ressaltou a colaboração do Estado com as pesquisas na área da saúde.

Segundo Roberta Fiúza Ramos, diretora-técnica de serviço da Regional de Saúde (Dir - XI), um médico avalia, na farmácia, se a receita está



Farmácia: mais agilidade na entrega de remédios

de acordo com as normas do SUS (Sistema Único de Saúde) e Secretaria de Saúde. “Antes, a demora para a retirada dos remédios era de até quatro dias; atualmente, a medicação sai na hora”, esclarece. O local funciona de segunda a sexta-feira, das 8 h às 17 h, no andar térreo do pavilhão central do HC.

Assessoria de Comunicação e Imprensa FM/Botucatu

“Iogurte verde” combate colesterol

Feito a partir da soja, produto apresentou bons resultados em testes com cobaias e seres humanos

Coordenada pelo professor Elizeu Antonio Rossi, uma equipe do *campus* da UNESP de Araraquara está trabalhando no aprimoramento de um “iogurte verde”, ou melhor, de um probiótico produzido a partir da soja. “O nosso produto não é um iogurte propriamente dito, já que ele é de origem vegetal. Mas esta é uma de suas vantagens: nessa nova substância não há colesterol”, diz o professor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF).

Pouco calóricos e bastante benéficos ao organismo, há muito tempo os iogurtes assumiram papel importante na dieta alimentar. Para oferecer outras opções ao consumidor, o probiótico produzido no Laboratório de Tecnologia de Alimentos (LTA) da FCF é fermentado por microorganismos *E. faecium* e *L. jugurti*, que são diferentes dos utilizados nos iogurtes convencionais.

Promovidos em conjunto com a pesquisadora Raquel Benadi, os estudos utilizam essas bacté-



Rossi e teste com rato: melhora imunológica e menos perdas ósseas

rias lácticas, inseridas para estimular o organismo a produzir taxas mais elevadas do “colesterol bom”, o HDL. “O HDL age como uma espécie de ‘lixeiro’, retirando da circulação a fração LDL que, quando oxidada, se deposita nas artérias causando a sua obstrução”, explica.

benéficas ao organismo humano”, afirma o professor. “Esta pesquisa pode estimular a indústria a produzir alimentos cada vez mais saudáveis”, conclui Raquel.

Ricardo Dias da Costa
(Colaboração de Viviane Hengles Bolsista UNESP/Universia/FCF)

Fotos Chico Rocca/Il

Melhora imunológica

Ainda em fase de testes, o produto tem apresentado resultados bastante positivos. Em cobaias de diferentes espécies – como ratos e coelhos –, o probiótico provocou um aumento de 18% na taxa de HDL de cada uma delas. Além disso, contribuiu para melhorar o desempenho do sistema imunológico de ratas, induzidas a desenvolver doenças como câncer de mama e osteoporose.

“Ao consumirem a nossa versão de iogurte, esses animais reagiram melhor ao câncer e apresentaram uma diminuição da perda de massa óssea normalmente detectada em mulheres portadoras de osteoporose, na menopausa e na pós-menopausa”, diz Rossi. Em humanos, o resultado segue a mesma tendência. Embora nenhum dos voluntários tivesse nível elevado de colesterol, todos que tomaram diariamente o produto apresentaram cerca de 10% a mais de HDL.

“A soja é o alimento funcional com maior número de compostos bioativos e pode desempenhar funções metabólicas

SERVIÇO SOCIAL

Contra o preconceito profissional

Integração de portadores de lábio leporino ao trabalho é tema de dissertação de mestrado

A integração dos portadores de lesão labiopalatal ao ambiente de trabalho é o tema da dissertação de mestrado defendida pela assistente social Soraia Helena Boimfim Blattner, no *campus* de Franca da UNESP. A lesão, também conhecida como lábio leporino, afeta diretamente a aparência, e, em grande parte, também os órgãos da fala. Os portadores do problema costumam enfrentar vários preconceitos, que acabam por prejudicar o desenvolvimento de suas carreiras.

No estudo, foram entrevistadas 104 pessoas que freqüentam o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo (USP), o Centrinho, localizado em Bauru (SP), onde Soraia trabalha há 19 anos. Os participantes da pesquisa tinham entre 16 e 34 anos, sendo que 41% deles com idade superior a 25 anos. A escolha dessa faixa etária ampla se deveu ao longo tempo de tratamento dos pacientes, marcado por diversas intervenções cirúrgicas.

O levantamento constatou que, com o apoio de uma rede de solidariedade, formada pelo próprio hospital, por amigos e

empregadores, os participantes da pesquisa foram integrados à sociedade, por meio de uma ocupação remunerada. “O trabalho representa a possibilidade de crescimento e de reconhecimento sociais para os portadores da lesão labiopalatal”, comenta Soraia. “Sem o respaldo da sociedade, seria mais difícil inseri-los no mercado de trabalho.”

De acordo com a dissertação, 83% do grupo pesquisado exercia atividades que não exigem qualificação específica ou alto grau de escolaridade, como balconistas, domésticas ou ajudantes gerais. Os dados apontam também que 65% dos entrevistados conseguiram trabalho por indicação de amigos, 70% possuíam registro em carteira e 94% contavam com o respaldo do empregador para continuar o tratamento. “A conduta dos empregadores é o resultado do apoio legal conseguido por esses trabalhadores e mostra uma mudança cultural nas relações de trabalho”, comenta Neide Aparecida de Souza Leffeld, orientadora da pesquisa e docente do programa de pós-graduação do Departamento de Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, *campus* de Franca.

Apoio é fundamental

Soraia assinala que os pacientes participantes do estudo foram atendidos por

uma equipe interdisciplinar – que lhes dava assistência médica, psicológica, odontológica e fonoaudiológica. Com isso, segundo a assistente social, eles

relacionada principalmente à dificuldade de comunicação. “Essa dificuldade pode se originar tanto na expressão vocal como no relacionamento pessoal”, afirma Soraia.

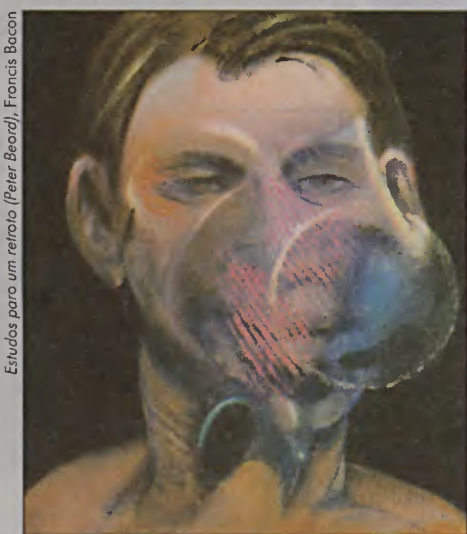
Neide enfatiza o tipo de abordagem dessa pesquisa, que enfoca a qualidade das relações afetivas e emocionais dos sujeitos e suas percepções e sentimentos

em relação a um mercado cheio de obstáculos. “Essa preocupação qualitativa é um pioneirismo do programa de pós-graduação em Serviço Social da UNESP”, argumenta a docente.

A experiência de trabalhos como esse, por exemplo, contribui para a recomendação institucional feita pela Promotoria Pública do Estado, que adverte o empregador sobre a

necessidade de continuidade do tratamento, garantindo, assim, o direito do paciente. “O Centrinho também encaminha ofícios aos empresários”, informa Soraia. No documento, a instituição dá esclarecimentos sobre os processos de reabilitação e solicita às empresas apoio no sentido de estimular a continuidade do tratamento, ajudar na convivência dos portadores de problemas labiopalatais com os colegas, além de liberar os funcionários para atender aos chamados do hospital.

Genira Chagas

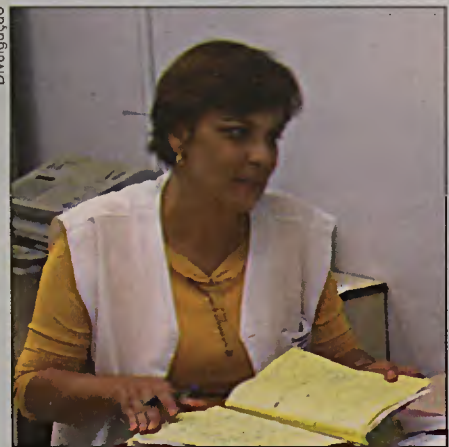


Estudos para um retrato (Peter Beard), Francis Bacon



puderam se tornar pessoas conscientes de seus direitos e deveres, aptas para o enfrentamento das relações sociais e para uma inserção menos traumática no mercado de trabalho. “O atendimento não elimina a seqüela emocional deixada pela lesão, mas habilita o indivíduo a lidar com ela”, comenta.

Os serviços oferecidos no Centrinho foram considerados fundamentais por 87% dos entrevistados, que destacaram a importância da compreensão das necessidades dos pacientes para sua integração social. “Sem essa compreensão, é mais difícil detectar os estigmas e minimizá-los”, acentua. De acordo com o levantamento, apenas 22% dos pesquisados relataram a ocorrência de discriminação no trabalho,



Soraia: ajuda a pacientes com lesão



Avenida São João, 2004: Selma utiliza técnica mista sobre tela



Anhangabaú I, 2004: trabalhos partem de fotos de Alois Feichtenberger

Fotos Alois Feichtenberger

ARTES VISUAIS

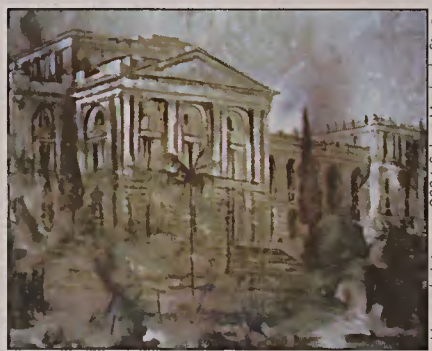
Entre a pintura e a fotografia

Relação dos dois universos é analisada em mestrado que une teoria e produção autoral

Os limites e interações da fotografia com a pintura são o tema da dissertação de mestrado *Arte híbrida: entre o pictórico e o fotográfico*, de Selma Machado Simão, apresentada, em junho, no Instituto de Artes (IA) da UNESP, campus de São Paulo. A pesquisa, além de gerar uma reflexão sobre a arte resultante da interface entre essas duas esferas da criação visual, inclui produções da própria autora. “A miscigenação entre uma técnica industrial mecânica, a fotografia, e a artística artesanal, a pintura, gera momentos de grande potencial criativo”, afirma.

A pesquisadora aborda o impacto que, no século XIX, a fotografia causou na linguagem pictórica, que se sentiu, então, desobrigada de reproduzir a realidade. A pesquisadora/artista analisa, ainda, as obras de alguns fotógrafos/artistas do passado e do presente. “Verifiquei também como certas especificidades, como espaço/tempo, perspectiva, luz, cor, suporte e referências são tratadas nesses dois domínios”, diz.

Selma realiza uma breve análise dos trabalhos dos artistas Vik Muniz e Cassio



Museu do Ipiranga, 2004, Selma Machado Simão



Av. São João, 2004, Selma Machado Simão

Vasconcellos. “A relação entre a pintura e a fotografia é resolvida por eles como uma relação natural da produção tecnológica de seu tempo, apesar da estrutura dos dois processos diferir profundamente”, afirma.

De Vik Muniz são analisadas as obras fotografadas a partir de imagens criadas com diversos materiais, como algodão, açúcar, chocolate, poeira, lixo e diamantes. “Muniz parte da projeção de uma foto para construir uma imagem por meio de processo pictórico”, comenta Selma. “O resultado é registrado fotograficamente e volta a ser uma imagem, mas com um novo aspecto,

produzido por esse processo híbrido.”

A pesquisa se volta também para as séries criadas por Cassio Vasconcellos sobre paisagens marinhas, navios e cavalos, entre outras. “O artista utiliza a fotografia como objeto original e a submete a diversos processos de manipulação”, comenta. “Esse procedimento artístico transforma a imagem obtida anteriormente pelo meio mecânico em um trabalho plástico ou uma instalação.”

A série de trabalhos práticos realizados pela própria autora foi intitulada *São Paulo – do passado da câmera ao presente do*

pincel. A artista escolheu reproduções fotográficas do centro antigo da cidade como tema para suas produções plásticas, gerando objetos que estabelecem relações entre o público e a cidade. “A partir das fotos, pelo uso de diversas técnicas, como serigrafia e *transfers*, realizei uma arte resultante da mistura de dois meios”, esclarece.

Por um lado, de acordo com Selma, a pintura introduz na fotografia características como textura, falta de nitidez, tons e contrastes específicos, cor pura absoluta, deformação, desarticulação e manipulação das formas. “O meio fotográfico, por sua vez, coloca na pintura os elementos que constituem sua especificidade: documento objetivo, fragmento da realidade, registro instantâneo, congelamento do movimento, retenção do tempo em imagem e memória do mundo”, diz.

Essa mistura pode apontar um importante caminho de reflexão, já que, hoje, a tecnologia digital invadiu o universo fotográfico e outros processos de produção imagética, tornando o hibridismo uma característica generalizada.

Oscar D'Ambrosio

MÍDIAS

As aventuras dos quadrinhos na Internet

Rede mantém características essenciais das HQs, mas interatividade altera conduta do leitor

Com o desenvolvimento e popularização da Internet, as histórias em quadrinhos (HQs), tradicionalmente produzidas para serem lidas em papel, não perderam seu público ou espaço. No entanto, com a interatividade possibilitada pela rede mundial de computadores e pela tecnologia, elas estariam se transformando em algo novo? Para responder a essa indagação, Anselmo Gimenez Mendo desenvolveu a dissertação de mestrado *História em quadrinhos: impresso vs. web*, no Instituto de Artes da UNESP, campus de São Paulo.

Nos seus mais de cem anos de existência, as HQs delimitaram suas fronteiras como expressão artística impressa, com personagens regulares, quadros, balões, onomatopéias e metáforas visuais. “Ao longo de sua história, no entanto, elas foram se relacionando com a imprensa, onde as histórias eram efetivamente publicadas, e, depois, com o cinema, o desenho animado e a televisão”, comenta Mendo. “Não poderia ser diferente com a Internet.”

O computador passou a ser ferramenta essencial à criação e produção de quadrinhos. “Pincéis foram muitas vezes substituídos por *mouses* ou canetas digitais; as cores dos pigmentos, pela luz dos monito-

res de vídeo; e a finalização dos trabalhos de forma digital passou a ser uma exigência do mercado”, explica o pesquisador.

O fenômeno que definitivamente interferiu na criação e linguagem dos quadrinhos, para Mendo, foi o ambiente hipermediático da Internet. Os sistemas de distribuição de informação no ciberespaço tornaram possível que a tela do computador fosse utilizada como suporte não apenas da criação, mas também da fruição das HQs pelo público.

Segundo ele, é possível encontrar na rede de computadores um incontável número de trabalhos em quadrinhos: desde a simples transposição da história impressa através da digitalização de imagens até criações com intensivo uso de recursos de animação, som e interatividade. “Parte dos quadrinhos não merece um novo nome na *web* porque continua a se parecer demasiadamente com os impressos”, diz Mendo.

Uma parcela menor da criação refere-se



a trabalhos que utilizam os recursos multimídia e de interação da Internet de forma a enriquecer a experiência do leitor. “Esse grupo não chega a criar uma nova linguagem, mas uma variação da HQ tradicional impressa”, avalia Mendo. “No outro extremo, quanto mais recursos são adicionados à linguagem, mais as HQs se afastam de suas definições fundamentais e se aproximam de outras formas já consolidadas, como os desenhos animados e os *games*.”

Em termos gerais, de acordo com o pesquisador, as HQs não perderam seus elementos básicos na Internet e nem ganharam novas características que justificassem uma outra classificação. O que realmente mudou com a consolidação do ciberespaço foi a participação do leitor. A HQ na Internet criou um usuário que pode interagir com a história, seus personagens e autores, mas que formou seu repertório imagético pela leitura de material impresso. “Não surgiu um novo leitor de quadrinhos, mas sim um usuário que assimilou a tecnologia para ter acesso ao conteúdo derivado do meio que ele já conhecia”, conclui. (OD)



A MORADA DO CALOR

Cobertas de concreto e asfalto e com altos índices de poluição, cidades como São Paulo são afetadas pelas chamadas “ilhas de calor”, áreas com temperaturas mais elevadas e menor umidade do ar. Especialistas discutem as origens e os efeitos desse fenômeno para a saúde e o ambiente, além de apontar soluções para o problema.

GENIRA CHAGAS

O modelo de desenvolvimento de metrópoles como São Paulo, principalmente nos últimos cinquenta anos, tem como uma de suas principais consequências negativas o excessivo aquecimento de seus espaços. Nesses locais, ocorrem as chamadas “ilhas de calor”, fenômeno que se caracteriza pelo aumento da temperatura do ar em relação ao meio rural ou regiões menos urbanizadas das vizinhanças, principalmente à noite. Sua origem está na redução das áreas verdes e na ocupação do ambiente urbano por obras de concreto e asfalto, adensamento populacional e poluição gerada pelas indústrias e circulação de automóveis.

No caso da capital paulista, houve um aumento da temperatura em torno de 1,2°C desde os anos 1950, época de intensa industrialização. No mesmo período, Nova Iorque registrou uma elevação de 0,8°C na sua temperatura média. “Ainda que considere-mos as diferenças da realidade de cada lugar, o aquecimento da metrópole paulistana é exorbitante”, argumenta Magda Adelaide Lombardo, geógrafa do *campus* da UNESP de Rio Claro, que desde o final da década de 1970 estuda as ilhas de calor na maior cidade brasileira.

Segundo estimativas, apenas 3% do solo da região metropolitana de São Paulo é hoje coberto por vegetação. A impermeabilização excessiva provoca o escoamento mais acelerado das águas das chuvas, diminuindo o tempo de evaporação. Esse processo reduz a umidade relativa do ar, que é cerca de 5% menor do que nas áreas mais arborizadas e menos povoadas.

“Como a umidade nas superfícies dos centros urbanos é reduzida, parte da energia solar que incide nesses locais e que não é gasta no processo de evaporação contribui para o aquecimento do ar, mesmo depois do pôr-do-sol”, destaca Magda. As consequências climáticas do problema são conhecidas dos paulistanos: temperaturas elevadas, temporais e inundações constantes.

Em São Paulo, como em outras metrópoles, as precipitações são 10% mais frequentes do que em regiões rurais. Isso

acontece, principalmente, por causa da trajetória dos ventos. Ao entrar em contato com a área construída da cidade, que funciona como uma grande barreira, eles diminuem de velocidade e, em consequência, há um aumento das turbulências climáticas. O ar quente carregado de partículas provenientes do trânsito e das atividades industriais sobe e choca-se com a umidade que chega do mar. Os poluentes, então, agem como focos de condensação e provocam o aumento da nebulosidade. O resultado desse processo se transforma em tempestades.

Conforto nas construções

Os efeitos da verticalização das construções no ambiente urbano também são enfatizados pela arquiteta Léa Cristina Lucas de Souza, membro do Núcleo de Conforto Ambiental (Nucam), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da UNESP, *campus* de Bauru. Segundo Léa, obras mais baixas permitem maior dissipação do calor armazenado entre os edifícios, reduzindo os focos de aquecimento.

Um dos trabalhos desenvolvidos no Núcleo é um *software* que permite calcular a área visível do céu como indicador de qualidade de vida. “Quanto maior o espaço visível do céu, maior será o arejamento das por vegetação. A impermeabilização excessiva provoca o escoamento mais acelerado das águas das chuvas, diminuindo o tempo de evaporação. Esse processo reduz a umidade relativa do ar, que é cerca de 5% menor do que nas áreas mais arborizadas e menos povoadas.

O Nucam, que também reúne o engenheiro de produção João Roberto Gomes de Faria e a arquiteta Maria Solange Gurgel de Castro Fontes, tem como objetivo gerar estudos na área de conforto ambiental e atuar para que profissionais de Arquitetura e de Engenharia se conscientizem da importância dos parâmetros ambientais nos projetos arquitetônicos. O conceito de conforto ambiental está relacionado a boas condições de iluminação, acústica e melhoria da eficiência energética – que garante o uso racional de energia, preservando o bem-estar do usuário.

Boa parte da responsabilidade pelas



Imagem aérea e partir de foto de Eduardo Nicolau/Ag



Recurso: Diar da Casa

Magda: três décadas de estudos

condições inadequadas de vida e trabalho dos habitantes das grandes cidades brasileiras, de acordo com a arquiteta, deve-se à valorização excessiva de modelos arquitetônicos importados de países do hemisfério norte. Lá, onde predominam temperaturas mais amenas, as consequências das edificações verticalizadas, com grandes fachadas feitas de “cortinas de vidro”, são menos prejudiciais. “Mas esse modelo não se adapta a países de clima tropical como o nosso”, adverte Léa.



Divulgação

Léa: uso do vidro é problemático

Uso do vidro

A docente da Faac explica que o uso do vidro em larga escala na face externa dos

edifícios torna essas construções verdadeiras estufas, onde o calor produzido pelos raios solares fica retido. Para evitar esse desconforto, lança-se mão do sistema de ar-condicionado, que equilibra a temperatura interna, mas provoca outros problemas. Além do consumo de energia, a má conservação de seus dutos estimula a proliferação de fungos, bactérias e ácaros, que podem infectar quem frequenta esses locais.

De acordo com Léa, não há uma receita arquitetônica única para um clima específico. “A possibilidade de utilização de materiais nas edificações atuais é ampla, desde que conhecidas as características térmicas desses produtos e sua adequação à região”, comenta. No entanto, ela adverte que o vidro, apesar de ser necessário para o conforto luminoso, deve ter sua área de aplicação muito bem planejada, para que não seja a causa de aumento do calor e do gasto de energia.

As condições dos bairros

Estudos promovidos por Magda e pelo Grupo de Estudos Avançados em Clima Urbano, com sede no Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla), do *campus* de Rio Claro, comparam as temperaturas registradas nos vários bairros de São Paulo, para determinar os pontos de ocorrência das ilhas de calor. Os levantamentos feitos, segundo a pesquisadora, confirmam que elas se concentram em lugares com menor índice de vegetação e maior densidade de construções, comércio e indústrias.

Nas áreas periféricas, onde predomina a ampla ocupação dos espaços com moradias e obras viárias, em prejuízo da vegetação, a docente do IGCE assinala que as temperaturas médias são mais elevadas – em torno de 26°C no mês de fevereiro. Magda cita os casos das ilhas de calor que se concentram em antigas áreas industriais como a Mooca e o Brás, que se expandiram, dando origem à Zona Leste. “Elas são densamente urbanizadas, populosas e com poluição atmosférica elevada”, comenta.

Já em bairros como os Jardins e o Morumbi e na região da Cantareira, com maior volume de vegetação, predomina um clima mais ameno, com temperaturas que chegam a ser até cerca de 4°C mais baixas – oscilando entre 22°C e 25°C em fevereiro. “A presença de corpos hídricos e de áreas verdes ameniza a taxa de aquecimento nas proximidades”, assinala Magda. (Leia quadro.)

A geógrafa aponta duas medidas que podem reverter os efeitos das ilhas de calor. A primeira, e talvez mais simples, é plantar árvores pela cidade. A segunda, que depende do poder público, é estabelecer uma legislação que defina uma relação adequada entre espaço construído e área verde. (Leia texto.)

O impacto na saúde

O aquecimento urbano, associado à poluição, tem um impacto danoso à saúde, principalmente entre crianças e idosos. De acordo com a pneumologista Irma de Godoy, do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, *campus* de Botucatu, o ar seco resseca o nariz e a garganta, favorecendo a ocorrência de asma, bronquite e outros processos inflamatórios. “Se for exposto por um período prolongado à poluição atmosférica, o organismo pode apresentar problemas semelhantes aos do tabagismo, com comprometimento cardiopulmonar”, diz.

O calor também afeta o metabolismo humano, que reage produzindo suor, como mecanismo para manter a temperatura corpórea entre 36°C e 37°C. Segundo o infectologista Domingos Alves Meira, professor emérito do Departamento de Medicina Tropical da FM, essa busca de compensação térmica causa transtornos como desidratação e falta de apetite, com a consequente perda de energia e o aumento da fadiga. “Em crianças, principalmente, esse desequilíbrio pode ser fatal”, argumenta.

O médico adverte que a propagação de mosquitos transmissores de doenças como dengue, malária e leishmaniose é outro importante transtorno relacionado ao aquecimento urbano. “Um ambiente quente e sem saneamento favorece a propagação de doenças, como as diarreias infecciosas, que em países subdesenvolvidos acometem principalmente as crianças, com elevada mortalidade”, destaca o médico.

A tuberculose também tem sua disseminação facilitada em regiões quentes e locais de habitações precárias, como os cortiços e favelas, frequentes nas grandes cidades brasileiras. “Dentre as enfermidades infecciosas, a tuberculose é a que mais mata em todo o mundo, em especial nos países pobres”, lembra Meira.

Para a arquiteta Léa, ainda há muita resistência dos profissionais de sua área em fazer projetos pensando no bem-estar proporcionado pelo conforto ambiental. Além disso, ela assinala que existem fatores como o interesse das empresas construtoras em reduzir custos. “Apenas há poucos anos o Ministério da Educação passou a exigir a presença da disciplina de Conforto Térmico na grade curricular dos cursos de Arquitetura”, recorda. “À medida que forem valorizadas as práticas arquitetônicas adaptadas ao clima, haverá maior sustentabilidade urbana e a população ganhará em qualidade de vida.”

Características da capital

O mapa abaixo foi produzido a partir de imagens geradas pelo satélite Landsat-7, sendo que a cor vermelha indica as áreas mais quentes e a azul, as mais frias. As zonas em amarelo e verde apresentam temperaturas intermediárias.

Ilhas de calor

Regiões densamente edificadas e povoadas, como a que vai do Centro até a Zona Leste, registram as maiores ocorrências de ilhas de calor. Essas áreas se expandem em direção à Zona Oeste, até serem barradas pela brisa marítima que vem do litoral paulista. Ao norte, são limitadas pela Serra da Cantareira.

“Oásis” na metrópole

Nos bairros da região dos Jardins, Morumbi, Granja Julieta e Chácara Flora, as temperaturas são mais amenas por causa de uma ocupação residencial horizontal, com predominância de arborização entre as edificações. Essa densa “zona verde”, em direção à Zona Oeste, cria microclimas de temperaturas amenas.

Canyons urbanos

Na região da Avenida Paulista, há zonas frias provocadas pelas sombras dos edifícios associadas à presença de ventos. Ocorrem, assim, os chamados *canyons* urbanos.

Clima especial

A vizinhança da Avenida Luís Carlos Berrini registra um clima especial. Embora densamente verticalizada e próxima de um corredor de tráfego intenso, a Marginal Pinheiros, ela recebe os ventos refrescantes da Chácara Santo Antônio, bairro residencial com grande arborização. (GC)

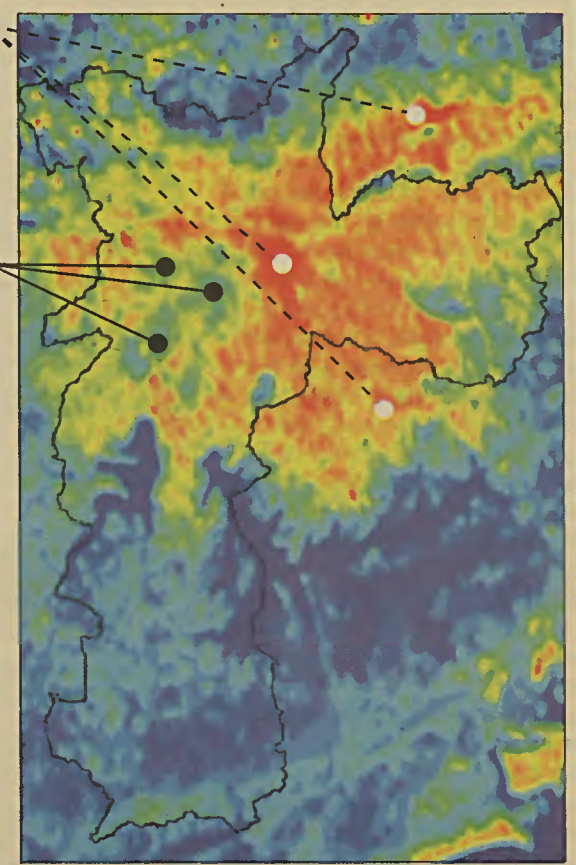


Imagem de satélite: evidência da devastação na região metropolitana

Para melhorar o ambiente da metrópole

Alunos de pós-graduação e de graduação da UNESP e da USP, membros do Grupo de Estudos Avançados em Clima Urbano, com sede no Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla), na UNESP, *campus* de Rio Claro, trabalham com vários temas relacionados ao aquecimento urbano. Integrante da equipe, a geógrafa Joyce Lima de Souza enumera algumas opções que podem atenuar o problema:

- Replanejamento do uso do solo, com a implantação de áreas verdes no complexo urbano. O processo de transpiração e fotossíntese das plantas absorve o calor e a poluição, liberando oxigênio;
- Diminuição da densidade demográfica e da concentração de habitações por hectare;
- Utilização de espaços públicos livres para atividades como agricultura e fruticultura. Além de atenuar as ilhas de calor, a iniciativa pode promover o lazer e servir como fonte de abastecimento alimentar;
- Instalação de espelhos d'água e lagos, proporcionais às áreas construídas. A evaporação da água e as gotículas em suspensão umedecem o ambiente e proporcionam conforto térmico. (GC)

O problema no Interior

A população de municípios de pequeno e médio porte da região noroeste do Estado de São Paulo também está sentindo na pele os efeitos do desconforto térmico, provocado pelo fenômeno das ilhas de calor. É o caso, por exemplo, dos habitantes de Ilha Solteira, cuja temperatura média nos meses de verão é de 26°C.

Para identificar e analisar a origem dessas áreas no perímetro urbano, Gláucia Rodrigues dos Santos, quintanista do curso de Agronomia, da Faculdade de Engenharia (FE), do *campus* local da UNESP, desenvolve uma metodologia apropriada, com o auxílio de imagens produzidas pelo satélite Landsat 5. O trabalho é orientado pelo agrônomo Hélio Ricardo Silva, com a co-orientação da agrônoma Regina Maria Monteiro de Castilho e do físico Cláudio Luiz Carvalho – todos docentes da FE –, além da colaboração da geógrafa Magda Adelaide Lombardo, do IGCE/Rio Claro.

Uma das possíveis causas para a ocorrência de ilhas de calor na cidade, segundo Gláucia, está na maneira como a área foi

projetada. Ilha Solteira nasceu na década de 1960, em torno das usinas hidrelétricas do Complexo Urubupungá, para abrigar os trabalhadores. Foram erguidas, então, casas geminadas, que impedem a circulação dos ventos. Paralelamente à construção dessas moradias, houve a impermeabilização do solo e a derrubada da floresta.

Na coleta das imagens, feitas em 16 de dezembro de 2003, durante a passagem do Landsat, foram privilegiadas sete diferentes regiões dentro da área urbana, de acordo com quatro tipos de cobertura de solo – grama, concreto, asfalto e solo nu. Na ocasião, também foram gerados dois mapas: um de vertentes, que mostra como os bairros localizados nessas regiões estão posicionados em relação ao sol, e outro, que assinala as radiações emitidas pelo satélite ao identificar áreas quentes.

Esses dados serão analisados no Laboratório de Geoprocessamento da FE e, a partir deles, será elaborado um outro mapa para identificar as ilhas de calor em cada região da área urbana de Ilha Solteira. (GC)



Fábio Eduardo Murakawa/Folha Imagem

A força do setor agropecuário brasileiro já é reconhecida em nível mundial. O País se tornou um concorrente temido em áreas da produção de alimentos como carnes, soja, suco de laranja e açúcar e já obtém importantes vitórias na Organização Mundial do Comércio contra o protecionismo de potências como os Estados Unidos e a União Européia. Paralelamente, a pesquisa nacional nesse setor também adquire projeção, como demonstra

a crescente participação de estrangeiros na Conferência Internacional do Pensa (Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial), cuja organização, além da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP/USP), este ano contou com a Unidade Diferenciada da UNESP de Tupã. Publicamos nesta edição, além de um texto sobre a Conferência ocorrida em julho, alguns dos melhores trabalhos apresentados.

Desafios do ciclo produtivo

Elias José Simon e José Matheus Valenti Perosa

Página 2

Cadeia do trigo no Brasil

Bruno Benzaquen Perosa e Luiz Fernando Paulillo

Página 2

Distribuição de insumos agrícolas

Luciano Thomé e Castro, Marcos Fava Neves, Matheus Alberto Consoli e Everton Molina Campos

Página 3

Formas plurais no franchising de alimentos

Vivian Lara S. Silva e Paulo Furquim de Azevedo

Página 4

Desafios do ciclo produtivo

ELIAS JOSÉ SIMON E JOSÉ MATHEUS VALENTI PEROSA

A té 2050, a população do planeta deve crescer cerca de 50% e chegar a 9 bilhões de habitantes. Alimentar essa multidão com qualidade é uma das principais preocupações da FAO/ONU e envolve todos os segmentos da cadeia produtiva, de fabricantes de alimentos para animais, agroindústrias, indústria química e veterinária, criadores, indústrias processadoras de alimentos, atacadistas e varejo até médicos e nutricionistas, entidades governamentais e instituições de pesquisa e ensino.

Questões envolvendo esses importantes agentes foram tratadas, de 27 a 30 de julho, na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP/USP), durante o V International Pensa Conference On Agri-Food Chain/Networks Economics And Management, importante evento da área acadêmica e empresarial, organizado pelo Pensa (Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial) e pela Unidade Diferenciada de Tupã da UNESP.

O International Pensa Conference é um evento acadêmico biennial sobre aplicações da Economia das Organizações na área do gerenciamento e coordenação de redes agroindustriais e alimentares, realizado pelo Pensa desde 1997, na FEA-RP/USP, campus de Ribeirão Preto. O congresso tem assumido grande relevância para o cenário científico internacional, visto o crescente interesse, tanto acadêmico como comercial, que o agronegócio brasileiro vem despertando no mundo.

A realização do congresso garante e incentiva avanços científicos na gestão das empresas do agronegócio, na coordenação de cadeias produtivas, nos estudos da inserção do homem no campo e de uma melhor distribuição de renda no País. Vale ressaltar que o International Pensa Conference é classificado como Internacional B na avaliação da Qualis, o sistema de avaliação da Capes/CNPq.

O evento está na sua quinta edição. Em 1997 contou com 50 participantes, sendo 10 pesquisadores internacionais e nomes de ponta na pesquisa sobre o agronegócio. Em 2001, houve 160 pesquisadores participantes e cerca de 80 artigos publicados, sendo editadas 500 cópias dos anais do congresso. O caráter internacional do evento se evidenciou com 5 palestrantes internacionais de renome em suas áreas de pesquisa, além de pesquisadores de França, Dinamarca, Holanda, EUA e Argentina, entre outros.

Em 2003, mais de 300 participantes estiveram presentes e os anais incluíram a publicação de 140 artigos das mais diversas universidades do Brasil. Foram editados 500 anais e tivemos a presença de 3 palestrantes internacionais, além de outros 12 conferencistas do Exterior que vieram defender seus trabalhos.

No V International Pensa Conference On Agri-Food Chain/Networks Economics And Management, foram enviados 240 trabalhos e selecionados 145, com aprovação de aproximadamente

60%. Dos trabalhos aceitos, 107 são do Brasil e 38 de outros países, sendo 63 escritos em inglês.

A UNESP/Tupã teve participação muito significativa, pois, além de colaborar na busca de patrocinadores, foi responsável pela revisão e avaliação de grande número de trabalhos submetidos ao Congresso. Vários pesquisadores da UNESP apresentaram trabalhos científicos nesse importante evento.

Além de conferências e plenárias, o encontro envolveu painéis sobre eficiência, gestão e contratos no setor sucroalcooleiro; eficiência, gestão, contratos e sustentabilidade na indústria de base florestal; e organizações e competitividade nos agronegócios.

Os trabalhos foram apresentados em sessões específicas e voltados para temas relevantes do encontro, como cadeias agroalimentares, custos de transação, governança, canais de comercialização e *marketing* de bebidas e alimentos, gestão das cadeias de suprimentos, instituições, direitos de propriedade intelectual, tecnologia da informação aplicada ao *agribusiness*, qualidade e seguran-

ça do alimento, responsabilidade social, dimensões internacionais e estratégias de gestão dos sistemas agroalimentares, logística e transporte na produção agroalimentar, gestão dos recursos humanos e de cooperativas e análises financeiras do *agribusiness*.

Estiveram representadas as mais importantes universidades brasileiras e universidades de Alemanha, Argentina, Canadá, Chile, Espanha, EUA, França, Holanda, Índia, Itália, Paquistão, Reino Unido, Rússia e Uruguai. Neste caderno *Fórum do Jornal UNESP*, estão apresentados três temas relacionados ao teor do evento, selecionados por critérios técnicos entre os que receberam a maior pontuação, de acordo com os requisitos exigidos pela comissão científica do Congresso.

Como um todo, eventos como o International Pensa contribuem para a discussão de grandes desafios envolvendo segurança alimentar, qualidade e conformidade dos produtos, numa ótica que considere as complexas questões que envolvem a produção e o comércio nacional e internacional. Tais discussões, essenciais para compreender melhor as diversas facetas da cadeia produtiva do agronegócio, levam em conta parâmetros das mais diversas naturezas, que trabalham com diversas variáveis, tendo como meta tanto proteger a saúde da população como assegurar práticas equitativas no comércio regional e internacional de alimentos.

Elias José Simon é professor do Departamento de Gestão e Tecnologia Agroindustrial da Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP, campus de Botucatu, e coordenador-executivo da Unidade Diferenciada de Tupã da UNESP.

José Matheus Valenti Perosa é professor do Departamento de Gestão e Tecnologia Agroindustrial da FCA e coordenador pedagógico do curso de Administração de Empresas e Agronegócios da Unidade Diferenciada de Tupã – UNESP.



Maurício Chelli/Folhapress

Cadeia do trigo no Brasil

BRUNO BENZAQUEN PEROSA E LUIZ FERNANDO PAULILLO

N a última década, as cadeias agroindustriais brasileiras observaram mudanças profundas em seus ambientes institucionais e organizacionais, com profundos impactos na competitividade de suas empresas. O processo de abertura da economia brasileira, iniciado em 1990 com as medidas do Governo Collor e expandido com a assinatura do Mercosul, reduziu abruptamente as tarifas alfandegárias, colocando os *players* brasileiros em contato direto com seus concorrentes externos.

Se, por um lado, essa política abriu novos mercados para os setores mais competitivos, também expôs setores mais deficientes para a forte concorrência de cadeias produtivas mais eficientes. O ambiente institucional que regulava essas cadeias também foi completamente transformado nesse período.

O forte aparato regulatório que havia sido montado durante o governo militar com o objetivo de coordenar o funcionamento das variadas cadeias foi substituído por mecanismos de coordenação específicos, com intensa participação de atores privados e uma nova inserção dos atores públicos.

O setor do trigo pode ser classificado como deficiente e profundamente regulado. A competitividade dessa cadeia se apoiava em políticas governamentais de subsídios ao consumo e à produção, além de ter todas as transações, tanto as do mercado interno como de importação, completamente coordenadas pelas agências estatais como o Dtrig (Departamento do Trigo), a Sunab (Superintendência Nacional de Abastecimento) e o Banco do Brasil.

Dessa forma, as mudanças institucionais atingiram em cheio o complexo tritícola. Como resultado dessas mudanças observou-se uma queda profunda na produção nacional e o isolamento dos agricultores em relação aos demais agentes da cadeia (moinhos e indústrias de processamento).

O elo agrícola sempre enfrentou sérias dificuldades na esfera tecnológica. Mesmo com os grandes esforços realizados pela Embrapa no sentido de desenvolver variedades mais adaptadas às especificidades edafoclimáticas brasileiras, o setor

ainda não consegue produzir com a mesma eficiência que seus concorrentes argentinos.

Não obstante essa deficiência tecnológica, vários estudos demonstram que as vantagens tecnológicas argentinas foram ampliadas por melhores condições institucionais (impostos, condições de crédito, estrutura de transportes e armazenagem etc.) e uma melhor coordenação entre os agentes da cadeia.

Acerca desse último ponto, pode-se dizer que a trajetória histórica (*path dependence*) de conformação das relações entre os agentes argentinos acabou levando a uma estrutura de coordenação bem mais eficiente. Esses agentes se mostraram bem mais preparados para se adaptar às mudanças institucionais do período.

A completa regulação instaurada sobre o complexo tritícola brasileiro não permitia que os agentes interagissem diretamente. O Dtrig intermediava todas as vendas de trigo aos moinhos com base em um rígido sistema de cotas. A importação do trigo era feita pelo Banco do Brasil de forma a complementar a produção nacional.

Apesar dos problemas, o setor se mostra com perspectivas cada vez melhores no processo competitivo global

Dessa forma, não havia nenhuma relação entre moinhos e produtores. Essa relação não se observava nem entre agentes de um mesmo elo. As poucas entidades representativas existentes concentravam seus esforços em atividades de representação e pressão junto às agências estatais e não de forma a coordenar as ações dos agentes do setor.

A atuação intensa do governo acabava por inibir ações da iniciativa privada, que encontrava pouco espaço para traçar suas próprias estratégias. Esse fenômeno se observou especialmente no setor moageiro, que tinha sua atração orientada pelo sistema de cotas baseadas em regiões de con-

sumo. Essa falta de comunicação acabou dificultando a adaptação da cadeia brasileira às mudanças ocorridas a partir dos anos 90.

No momento em que o Estado se retira desse jogo, as relações que deveriam se estabelecer entre moinhos e produtores brasileiros acabam não ocorrendo, em decorrência dos novos concorrentes argentinos, que passam a oferecer trigo mais barato e mais adequado às demandas dos elos a jusante. No momento da abertura, as cotasções internacionais do trigo estavam extremamente baixas, fato que, juntamente com o câmbio valorizado, permitiu que o trigo argentino atingisse o mercado brasileiro com preços extremamente reduzidos.

Nos anos seguintes, mudanças institucionais como a desvalorização cambial, em janeiro de 1999, tornaram o trigo nacional mais atraente aos moinhos, que passaram a se reaproximar dos produtores. A partir desse ano, a produção nacional se recuperou e atingiu em 2003 a segunda maior safra da história. Observando a trajetória do setor desde 1990, fica bastante claro que as relações entre moinhos e produtores foram intensamente influenciadas por variáveis de cunho institucional, como a taxa de câmbio, o regime tarifário e as condições de crédito.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos agricultores brasileiros na comercialização da safra de 2005, vários fatores indicam uma melhora na coordenação dessa cadeia, que se mostra cada vez mais eficiente e com boas perspectivas para o processo competitivo global no futuro.

Bruno Benzaquen Perosa é mestrando em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador do Gepai (Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais). É graduado em Ciências Econômicas na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara. Luiz Fernando Paulillo é professor adjunto do Departamento de Engenharia de Produção da UFSCar e doutor em Economia pelo Instituto de Economia da Unicamp. É pesquisador do Gepai e consultor da FAO/ONU.

Distribuição de insumos agrícolas

LUCIANO THOMÉ E CASTRO, MARCOS FAVA NEVES, MATHEUS ALBERTO CONSOLI E EVERTON MOLINA CAMPOS

O objetivo deste artigo é discutir a existência e as consequências dos conflitos em canais de distribuição de insumos agrícolas. Canais de distribuição são definidos de acordo com um conjunto de organizações interdependentes envolvidas no processo de disponibilizar um produto ou serviço para uso ou consumo, neste caso insumos agrícolas como defensivos, fertilizantes ou sementes.

Busca-se mostrar como o conflito em canais de distribuição pode tomar diferentes formas no setor de insumos agrícolas. Por se tratar de cadeias produtivas longas e complexas, além da heterogeneidade regional brasileira, os modelos de distribuição são necessariamente mais flexíveis, o que aumenta a chance de conflitos.

Pelas definições de canais de distribuição e seus papéis, era de se esperar um trabalho integrado entre fabricante e distribuidores para o alcance dos melhores resultados, por meio do desempenho superior em uma rede de distribuição. No entanto, a observação da prática e diversos trabalhos acadêmicos têm mostrado conflitos que reduzem significativamente a eficiência do sistema.

O conflito natural se dá pela disputa de margens de membros em posições a jusante e montante, que geram a disputa pela renda gerada no sistema. No entanto, o conflito pode ser visto como um processo que progride de um estado latente de incompatibilidade para um estado de conflito percebido e, então, para o conflito manifestado e suas diversas consequências.

Foram aplicados questionários em 122 revendedores de insumos, buscando primeiro identificar os tipos de conflitos existentes e depois analisar quantitativamente os efeitos do nível de conflitos.

Na área de insumos, os seguintes conflitos foram identificados: venda direta, sistemas de incentivo praticados, relacionamento indústria e distribuidor, negociação direta (distribuidor, representante e indústria), eventos em conjunto da indústria com distribuidores, políticas de crédito e cobrança, conflitos entre distribuidores de um mesmo fornecedor. No artigo, estes conflitos são descritos e sugestões para minimização são feitas.

Queremos responder a duas perguntas fundamentais, relacionadas à análise quantitativa das consequências dos conflitos: (1) se o nível de conflito aumentar, como se comporá a intenção de investimento específico do distribuidor no relacionamento com o fornecedor? Nossa hipótese era a de que, em níveis imperceptíveis de conflito (o que é negativo sob um ponto de vista de eficiência) e em níveis exagerados de conflito, a intenção seria baixa. (2) Se o nível de conflito aumentar, como se comportará a satisfação do distribuidor com o relacionamento?

Nossa hipótese era de que a satisfação diminuiria em casos de alto conflito manifestado. A análise dos dados e dos índices de satisfação e intenção de investimento nos permite avaliar as hipóteses construídas para a elaboração deste trabalho. Dessa forma, o resultado apresentado na figura

abaixo permite confirmar a hipótese de que existe significativa mudança no índice de satisfação conforme aumenta o nível de conflito e mesmo a hipótese de que um nível natural de conflito é positivo em termos de satisfação (ou seja, nem muito baixo, nem muito alto). No entanto, a hipótese de que um maior conflito afetaria negativamente a intenção do distribuidor de investir no relacionamento não se verificou.

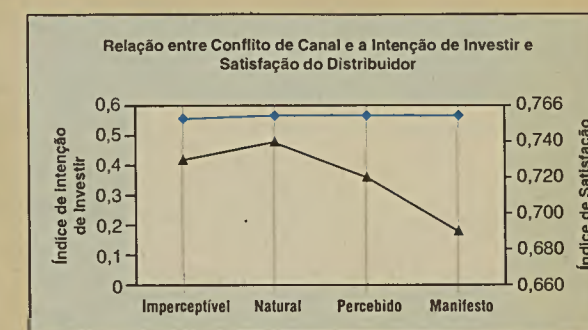


Figura: Relação entre nível de conflito e os índices de satisfação e intenção de investir
Fonte: Autores

Outras relações também foram avaliadas por meio da análise de correlação entre as variáveis de intenção de investimento, satisfação e nível de conflito. Dentre as principais constatações, pode-se verificar a correlação negativa entre o nível de conflito e a satisfação com o lucro por esforço do distribuidor. Outra importante constatação é que uma das variáveis de satisfação (clima/motivação do distribuidor) tem elevada correlação com a intenção de investir no relacionamento, principalmente quando se trata de pessoal técnico e comercial dedicado e prestação de serviços para o fornecedor.

De modo semelhante, a variável de satisfação vendas por esforço também apresenta correlação com a intenção de investir no relacionamento (investimento em espaço de prateleira, pessoal técnico e comercial dedicado e prestação de serviços para o fornecedor). Por fim, verifica-se a existência de correlação entre algumas variáveis de satisfação (multicolinearidade), principalmente retorno financeiro, tráfego em loja e clima/motivação com vendas por espaço, vendas por esforço e lucro por esforço.

Sobre o nível de intenção de investir em ativos específicos, não foi constatada a correlação com o nível de conflito, muito provavelmente em função de a amostra ser composta de distribuidores com alto nível de comprometimento atual com o fornecedor usado na verificação, impedindo uma análise mais crítica, sendo uma das principais limitações deste artigo.

Como sugestão de pesquisa futura, seria interessante verificar as correlações e discutir as variáveis utilizadas para a formação dos índices de conflito, satisfação e investimento específico, buscando uma relação de causa e efeito mais precisa, além da possível replicação desse mesmo procedimento em canais de distribuição de outros setores.

Os autores são pesquisadores do Pensa (Programa de Agronegócios da USP – www.pensa.org.br) e estão vinculados à Faculdade de Economia e Administração da USP/Ribeirão Preto.



Jonas de Oliveira/Folhapress

Formas plurais no *franchising* de alimentos

VIVIAN LARA S. SILVA E PAULO FURQUIM DE AZEVEDO

A coexistência de modos distintos de relacionamento em uma mesma rede de estabelecimentos há muito desperta o interesse da literatura de *franchising*. Entretanto, os avanços registrados são restritos à dicotomia entre lojas próprias e unidades franqueadas, pouco se discutindo sobre diferentes arranjos na regência da cadeia de suprimentos ou mesmo a relação entre franqueado e franqueador no que diz respeito ao contrato de franquia estabelecido.

Neste segundo ponto, é paradoxal na literatura empírica de *franchising* o consenso da existência de um contrato-padrão, mesmo diante da diversidade de tipos de franqueados. Ao contrário, evidências empíricas de um estudo conduzido na França e no Brasil, com 21 redes de franquias, revelam que uma mesma rede, em um mesmo ambiente institucional e competitivo, pode optar pelo gerenciamento simultâneo de lojas próprias e lojas franqueadas sob diversos tipos de contratos. Em acréscimo às lojas próprias, três desenhos contratuais foram identificados: franquia total, franquia parcial e contrato de locação de gerência. É também importante explicar o que leva as redes a escolher uma ou outra combinação.

Neste estudo, as características do ambiente institucional (leis, normas sociais, cultura etc.) são importantes para entender as diferenças entre França e Brasil. Enquanto no Brasil as redes tendem a limitar-se a apenas duas formas organizacionais (lojas próprias e franquia total), na França é

comum a combinação dos quatro desenhos contratuais. No caso brasileiro, essa combinação permitiria às redes majorar os ganhos comparativos do *franchising* ao conciliar a alavancagem de capital com um melhor nível de incentivo dos gestores locais, ao mesmo tempo que haveria maior controle e proteção sobre a marca e menores custos legais na rescisão unilateral do contrato.

A legislação brasileira não possui um posicionamento bem definido a respeito da legitimidade da locação das unidades franqueadas por um valor superior ao efetuado pela rede (nos casos em que ela é o principal locatário) ou por um valor superior ao de mercado (quando a rede é a proprietária do imóvel).

Esse é o procedimento mundialmente utilizado pelas redes que optam pelo contrato de franquia parcial ou de locação de gerência, sendo o ágio no

No mundo, a média histórica de lojas próprias do McDonald's é de 20%, enquanto no Brasil chega a 70%

aluguel justificado pelo fato de a locação não incluir apenas o terreno, mas também construções e melhoramentos no imóvel. Esse cenário seria determinante para os principais nomes do *franchising* mundial alterarem no Brasil sua política de expansão.

Dentre as redes analisadas no mercado brasileiro, apenas o McDonald's não se restringe ao contrato de franquia total, sustentando sua estratégia de expansão



Cleber Bonato/Agência Estado

baseada na sublocação de unidades. Diferentemente, porém, do observado em outros mercados, caso da França, o McDonald's não concede no Brasil o contrato de locação de gerência.

Em decorrência, porém, das lacunas do entendimento legal brasileiro quanto à prática de sublocação de unidades, o McDonald's se envolveu em onerosos processos judiciais. Ao aumentarem os custos do franqueamento de seu sistema no Brasil, os conflitos entre a rede e seus franqueados resultaram em um maior interesse comparativo do McDonald's em elevar o grau de integração vertical no País.

No mundo, a média histórica de lojas próprias do McDonald's é de 20%. No mercado francês, o percentual histórico gira em torno de 13%. No Brasil, esse percentual, na ordem de 40%, sofreu uma acentuada inflexão no final dos anos 90, passando para um patamar próximo de 70% (com tendência de estabilização), em 2003.

Além da análise comparada do McDonald's no Brasil e na França, outras 19 redes de franquias foram investigadas, totalizando sete casos na França e 14 no Brasil, conduzidos por meio de entrevistas semi-estruturadas com gerentes das redes. Provenientes de cinco segmentos-chave (cafeterias, doces e chocolates, *fast food*, grelhados e produtos finos), a escolha dos casos procurou viabilizar uma comparação entre produtos similares nos dois países.

Ademais de se destacarem entre os principais *players* do *franchising* mundial, a análise comparada do *franchising* brasileiro e francês também deve ser creditada às particularidades das regras do jogo, resultando em diferentes padrões de coordenação na relação entre franqueador e franqueados.

As redes de franquias de alimentos apresentam particularidades que podem ser relevantes para a observação desses resultados, tais como o predomínio de bens de experiência e de crença, a demanda por segurança do alimento e a dependência de esforços a montante para a garantia de padronização.

Como extensão deste trabalho, seria desejável a comparação de franquias de alimento com redes de outros segmentos, a fim de investigar se os resultados aqui observados são particularidades dos sistemas agroalimentares ou são fenômenos gerais.

Vivian Lara S. Silva é professora da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA/USP), doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos e *Visiting Scholar* na Universidade de Paris 1, Centro Atom (2001/02).

Paulo Furquim de Azevedo é professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EESP/FGV), doutor em Economia pela FEA-USP e *Visiting Scholar* na Universidade da Califórnia, Berkeley (1994/95).

DIVULGAÇÃO

Difusão da ciência vira ação permanente

Programa organiza projetos existentes nas unidades e estimula novas iniciativas

Em julho, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) aprovou o Programa UNESP de Divulgação Permanente da Ciência. A proposta visa organizar em um único pacote as atividades de divulgação já em andamento nas unidades, nas áreas de Biológicas, Exatas e Humanidades. Dessa forma, poderá ser garantido o funcionamento ininterrupto dessas iniciativas.

Para o coordenador do programa, o físico José Roberto Pimentel, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), *campus* de Rio Claro, a institucionalização dos projetos de divulgação científica traz importantes benefícios. Por um lado, os participantes terão autonomia para captação de recursos, tanto por projeto individual como pelo conjunto dos trabalhos. Também serão garantidos recursos por no mínimo dois anos, para manutenção das atividades. “Além disso, a comunidade externa se beneficiará, pela dimensão que o programa passa a ter”, comenta Pimentel.

Vinculado à Vice-Reitoria, o programa inicia suas atividades com 19 projetos (*leia texto abaixo*). Para fazer parte dessa iniciativa, as propostas devem ser coordenadas por um docente da UNESP e funcionar há pelo menos um ano, com a aprovação da congregação da unidade.

Um exemplo de atividade en-

Projetos que integram o programa

ARARAQUARA
Centro de Ciências – Instituto de Química (IQ) Ciência Vai à Escola – IQ Educação Ambiental e de Saúde Pública no Ensino Fundamental – Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) Grupo Alquimia – IQ Páginas de Química Geral – IQ Programa Institucional de Ensino (ProEn) + Programa de Ensino de Ciências (ProEnC) + Programa de Ensino de Química (ProEnQ) – IQ
BAURU
UNESP Ciência – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), <i>campus</i> de Bauru
BOTUCATU
Aplicação da Teoria do Caos e da Física Quântica em Saúde e Educação Ambiental – Instituto de Biociências (IB) Prevenção às Drogas de Abuso – IB Produção de Material Didático para o Ensino de Biologia – IB
ILHASOLTEIRA
Projeto Oficina Ciência – Faculdade de Engenharia (FE)
PRESIDENTE PRUDENTE
Centro de Ciências – Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) Museu-Escola – FCT Museu Universidade – FCT
RIO CLARO
Projeto Eureka – Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE)
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Jogos da Matemática – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) Jogos de Biologia Molecular – Ibilce Universidade na Praça – Ibilce
SÃO VICENTE
Projeto Estimulando o Raciocínio – <i>Campus</i> do Litoral Paulista

gajada no programa é o Projeto Eureka, que apresenta o Show de Física e a Experimentoteca de Física. Trata-se de uma atividade lúdica exibida no IGCE para os alunos do Ensino Fundamental da rede pública. “Duran-

te as apresentações, abordamos conceitos de mecânica, eletricidade, óptica e magnetismo”, explica Pimentel, que também coordena o Eureka. Informações: pimentel@rc.unesp.br

Genira Chagas



Professoras participantes do projeto: 4 mil formados em 2005

ENSINO I

Pedagogia Cidadã é Licenciatura Plena

Conselho Estadual da Educação anuncia reconhecimento

Oferecido pela UNESP desde 2002, o Projeto Pedagogia Cidadã foi reconhecido como um curso de Pedagogia – Licenciatura Plena, que habilita o formado para ministrar aulas em classes de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, além de poder gerir estabelecimentos de ensino. O parecer foi dado pelos membros do Conselho Estadual da Educação, em 29 de junho, e publicado no *Diário Oficial*, em 30 de junho.

Segundo o coordenador-geral do Pedagogia Cidadã, João Cardoso Palma Filho, em 1º de abril, houve a formatura das primeiras 83 turmas. “São 4 mil novos formados, que se beneficiaram com uma iniciativa que lança mão de tecnologias digi-

tais para o incremento do ensino”, diz.

O Pedagogia Cidadã é ministrado em conjunto com as prefeituras, para dar formação continuada aos professores que já trabalham na rede pública, mas que ainda não possuem o diploma de nível superior. O curso é oferecido em três anos, por meio de aulas diárias e presenciais. “Algumas dessas aulas são oferecidas por videoconferência”, assinala Palma Filho.

Os cadernos de conteúdos são produzidos por professores da UNESP. Alguns deles, em convênio com a Fundação Dorina Nowill, foram lançados em linguagem braile. O objetivo é preparar o professor para lidar com alunos com necessidades especiais.

ENSINO II

Atualização de professores

Parceria com Fundação Bradesco beneficiará docentes

O Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática (GPIMEM), coordenado pelo docente Marcelo de Carvalho Borba, vai oferecer cursos de atualização profissional a distância aos professores de cerca de 40 escolas da Fundação Bradesco em todo o País. A parceria foi firmada entre a fundação e o Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), *campus* de Rio Claro, por meio da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp).

Inicialmente o GPIMEM vai oferecer o curso “Geometria com o *Geometricks*”, desenvolvido pelo grupo para professores da 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Com duração de dois meses, o curso faz uma revisão do conteúdo de Geometria, além de discutir o uso de *softwares* de Geometria Dinâmica na prática docente.

Cada turma é composta de 25



Borba: curso sobre Geometria

alunos, que discutem os conteúdos utilizando bate-papo ou videoconferência. O GPIMEM é um subprojeto do programa Tecnologia da Informação no Desenvolvimento da Internet Avançada (Tidia), criado pela Fapesp para desenvolver novas tecnologias da informação em *software* e *hardware*.

ADMINISTRAÇÃO

Nova diretoria em Ilha

Desafio é consolidar escola de excelência e captar recursos

O engenheiro civil Wilson Manzoli Júnior e o engenheiro agrônomo Marco Eustáquio de Sá tomaram posse, respectivamente, como diretor e vice-diretor da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* de Ilha Solteira, dia 18 de julho. A solenidade teve a presença do reitor Marcos Macari e de diretores de várias unidades da UNESP, além de autoridades municipais, professores, funcionários e alunos do *campus*.

A proposta de gestão de Manzoli Júnior e Sá está orientada para a consolidação de uma escola de excelência, com ênfase na captação de recursos. Para isso, eles pretendem realizar contratos com agências de fomento e órgãos governamentais em nível estadual, federal e municipal, além de convênios com empresas privadas e públicas. Dessa forma, buscarão



Manzoli Júnior: em busca de contratos com agências

impulsionar o ensino, a extensão e a pesquisa. “Para realizarmos essas tarefas, temos de ser corajosos e criativos, ousando, porém sem romper com o compromisso de defesa da universidade pública autônoma e de qualidade”, disse o novo diretor.

Manzoli Júnior é professor-adjunto do Departamento de Engenharia Civil, onde atua desde 1982. Toda sua vida acadêmica foi realizada na UNESP. Sá é professor titular do Departamento de Fitotecnia, Tecnologia de Alimentos e Solo, está na UNESP desde 1978 e fez seus estudos na UNESP, USP e Unicamp.



FILOSOFIA

A convergência das idéias de Einstein e Picasso

Em ambos, a concepção abstrata se impõe sobre a percepção imediata, segundo o físico Arthur I. Miller

Ao início do século XX, invenções como o telégrafo, o avião, o automóvel, a fotografia, o cinema e os raios X permitiam vislumbrar uma nova realidade. Neste ambiente, o físico Albert Einstein, em Bern, Suíça, e o artista plástico Pablo Picasso, em Paris, experimentaram seus períodos de criatividade mais intensos.

Para Arthur I. Miller, do University College London, isso não foi uma coincidência, mas o resultado de ambos vivenciarem circunstâncias pessoais e intelectuais muito semelhantes. Naquela época, o cientista e o artista viviam na pobreza e no anonimato, tendo relações conturbadas com suas mulheres e trabalhando solitariamente. O reconhecimento veio bem mais tarde.

Físico e professor de história e filosofia da ciência, Miller discorreu sobre as coincidências percebidas nas duas obras em palestra realizada no dia 27 de julho, no auditório da Livraria Cultura do Shopping Villa-Lobos, em São Paulo. A apresentação do docente, baseada em seu livro *Einstein, Picasso – space, time and the beauty that causes havoc* (Einstein e Picasso – espaço, tempo e a

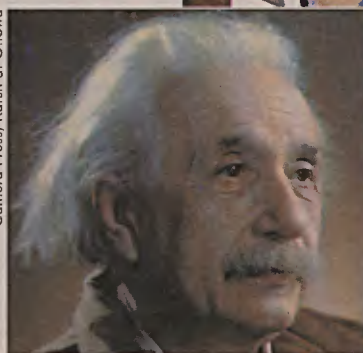


Miller: influência da obra de Poincaré

beleza que perturba), foi promovida pelo Instituto de Física Teórica (IFT) da UNESP, Editora UNESP e British Council.

Miller contou como *A ciência e a hipótese*, livro do matemático Henri Poincaré, influenciou a Teoria da Relatividade Especial, publicada em 1905, e o quadro *Les Femmes d'Alger*, de 1907. Na visão do físico, a concepção abstrata sobrepujando a percepção imediata da realidade é comum a Einstein e Picasso. O primeiro descobriu uma concepção de espaço e tempo que não se pode perceber no dia-a-dia, mas que foi comprovada mais tarde pelos físicos.

Por sua vez, folheando livros de geometria quadridimensional e assistindo exposições de arte africana primitiva, Picasso descobriu um jeito novo de projetar tempo e espaço numa tela plana, de um modo que não encontra referência direta na percepção imediata das coisas.



Einstein e o quadro *As donzelas de Avignon*, de Picasso: pontos de contato

Einstein e Picasso também têm em comum o fato de não aceitarem as últimas consequências das revoluções que iniciaram. O físico não acreditava

na realidade dos buracos negros e da mecânica quântica, enquanto o artista plástico nunca se aventurou pelo abstracionismo puro, sempre pintando a partir de modelos naturais. “Eles, que destruíram preconceitos antigos, agarraram-se aos seus próprios conceitos até o fim”, concluiu Miller. “A palestra realizada por Miller foi muito enriquecedora”, comentou Gerson Francisco, professor do IFT, que fez a apresentação do convidado ao público.

Igor Zolnerkevic

SOCIEDADE

Editora doa livros para programa estadual

Iniciativa instala salas de leitura em municípios



Castilho: incentivo da editora ocorre desde 2003

Em solenidade na sede da Secretaria de Estado da Cultura, no início de julho, o professor José Castilho Marques Neto, diretor-presidente da Fundação Editora da UNESP, doou 250 exemplares de livros acadêmicos para o programa “São Paulo: um Estado de leitores”, da Secretaria de Estado da Cultura.

O evento contou com a presença do secretário da Cultura, João Batista de Andrade; do empresário José Mindlin, presidente do Conselho Paulista de Leitura; e representantes da Fundação Volkswagen e Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que auxiliam no desenvolvimento dessa iniciativa. “A Editora tem incentivado esse programa

desde a sua fundação, em 2003. Estamos à disposição não apenas para doação de livros, mas para a realização de cursos por intermédio da Universidade do Livro”, declarou Castilho na cerimônia.

O secretário da Cultura anunciou o cumprimento da meta, em junho, de implantação de salas de leitura e bibliotecas em todos os municípios do Estado. “É preciso agora continuar o trabalho, com a ajuda dos parceiros deste projeto”, disse Andrade.

Segundo o coordenador do projeto, José Luiz Goldfarb, até 2003, 84 dos 645 municípios paulistas não tinham espaços para leitura. “Agora vamos fazer um trabalho de revitalização das salas de leitura já existentes, comprar acervo e computadores, principalmente para localidades distantes e carentes”, afirmou. O programa abriu outras 53 salas de leitura na periferia da cidade e Grande São Paulo, em conjuntos habitacionais, hospitais públicos, Centros de Integração da Cidadania, penitenciárias e escolas de samba.

ADMINISTRAÇÃO

Reitoria terá nova sede

Prédio adquirido fica na região central de São Paulo

O reitor da UNESP, Marcos Macari, assinou, no dia 6 de julho, com representantes do Banco Itaú, a escritura pública de compra e venda do imóvel para onde será transferida a sede da Reitoria da instituição, em 2006. O novo endereço será na rua Quirino de Andrade, 205/215, centro de São Paulo.

Para o reitor, além de eliminar o ônus do aluguel da sede atual, a compra tem como objetivo criar condições para que a Universidade se organize e, num médio prazo, possa construir seu próprio campus em São Paulo, na Barra Funda. “Daqui a cinco anos, este prédio estará incorporado ao patrimônio da UNESP”, diz.

O edifício está sendo adquirido do Banco Itaú por R\$ 6.690.000,00, a serem pagos em 60 parcelas mensais e consecutivas, no valor inicial de R\$ 111.500,00. As parcelas serão corrigidas monetariamente a cada 12 meses, pela variação do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Ampliado), publicado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Atualmente são pagos R\$ 241,3 mil mensais pelo aluguel do imóvel onde a Reitoria funciona, na alameda Santos, 647. O vice-reitor, Herman Voorwald, enfatiza: “Para uma autarquia pública que tem o ensino, a pesquisa e a extensão como objetivos fundamentais, o valor do aluguel que pagamos não se justifica. São cerca de R\$ 3 milhões ao ano e esses recursos podem ser aplicados nas atividades-fim da universidade.”

Em perfeitas condições de uso, o edifício, de 40 anos, tem área construída de 7.816 m², com 12 pavimentos. Possui três elevadores, ar condicionado central e sistema de alarme de incêndio dentro das normas exigidas, com sensores contra fumaça e sistema de combate a incêndio. As instalações elétricas do prédio estão revisadas e



A futura sede: incorporação ao patrimônio da Universidade

a maior parte de suas instalações é monitorada por câmeras. “É uma ótima iniciativa da UNESP. Tenho certeza de que outras instituições seguirão o mesmo caminho, contribuindo para a revitalização do Centro”, ressalta o subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo.

Dênio Maués

Apolo – 1988, Robert Mapplethorpe



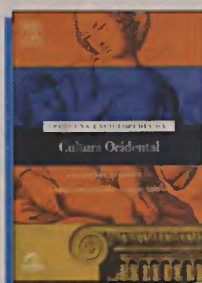
CULTURA

Para entender o Ocidente

O grande desafio de condensar e explicar obras, autores e temas importantes e recorrentes da cultura ocidental motivou Salvatore D'Onofrio, professor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto, a publicar este livro. O trabalho é uma oportuna obra de referência sobre a origem de termos constantemente mencionados nas conversas cotidianas, nas salas de aula, em programas de televisão. Inédito no gênero, tem mais de 500 verbetes, organizados de A a Z, que incluem informações sobre filósofos, pintores, escritores, teóricos, personagens famosos da literatura e da mitologia. Vários campos do conhecimento são interligados por verbetes re-

missivos, de modo interdisciplinar e intertextual. “Este trabalho é o fruto de quase meio século de discência, docência e pesquisa universitária em várias áreas das ciências humanas”, afirma D'Onofrio. “É, acima de tudo, um estímulo para a leitura e a reflexão, um convite para um contato direto com as obras apontadas.”

Pequena enciclopédia da cultura ocidental: o saber indispensável, os mitos eternos – Salvatore D'Onofrio; Elsevier Editora/Campus Editora; 567 páginas, R\$ 89,00. Informações: www.campus.com.br, (21) 3970-9300 e (11) 5105-8555.

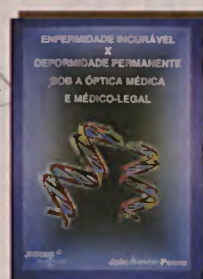


A lição de anatomia do dr. Nicolaes Tulp, Rembrandt

DIREITO

Análise da Medicina Legal

João Bosco Penna, docente do curso de Direito da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, *campus* de Franca, estuda as divergências de doutrina e de jurisprudência em questões como enfermidades incuráveis e deformidades permanentes. Sugere que o crime envolvendo “lesões corporais” deveria ser denominado “lesões pessoais”, já que o ser humano engloba as dimensões somática, fisiológica e psíquica. Afirma que a elaboração do Código Penal não considerou as diferenças entre os termos moléstia, afecção, doença e enfermidade. Verifica ainda que os três incisos do Código referentes à enfermidade incurável, à debilidade permanente e à perda ou inutilização de membro, sentido ou função, apesar de se referirem a um mesmo fato, têm penas distintas. O autor conclui que o legislador penal não consultou nenhum médico para formular a enunciação de enfermidade incurável, empregando-a, em seu sentido comum, como sinônimo de doença, afecção ou moléstia. “O termo ‘enfermidade incurável’ deveria ser substituído por ‘moléstia incurável’, como faz a legislação italiana, mantendo-se o termo ‘deformidade permanente’”, conclui Penna.



Enfermidade incurável x deformidade permanente sob a óptica médica e médico-legal – João Bosco Penna; Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP; 92 páginas; R\$ 10,00. Informações: (16) 3711-1856 ou publica@franca.unesp.br

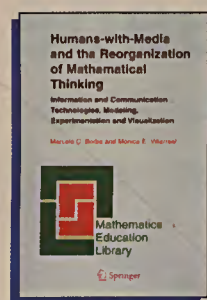
EDUCAÇÃO

Tecnologia na matemática

A publicação oferece uma nova concepção para se refletir sobre o papel da tecnologia de comunicação e informação em educação matemática. Marcelo C. Borba, professor do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, *campus* de Rio Claro, e Mônica E. Villareal, da Faculdade de Agronomia da Universidade de Córdoba (Argentina), que realizou seu doutorado no IGCE, fornecem exemplos simples de pesquisas conduzidas em cursos de educação básica e universitária. Discutem ainda como inovações nos computadores, na escrita e no discurso transformam a educação em termos epistemológicos e políticos. “Apresentamos exemplos de pesquisas em cursos de educação matemática *on-line* e do uso da Internet em cursos regulares de matemática”, afirma Borba. A discussão desenvolvida pelos autores e os exemplos apresentados permitem gerar novas reflexões sobre visualização, experimentação e múltiplas representações de educação matemática.



Composição, Milton Docosta



Humans-with-media and the reorganization of mathematical thinking: information and communication technologies, modeling, experimentation and visualization – Marcelo C. Borba e Mônica E. Villareal; Mathematics Education Library, volume 39; Springer; US\$ 79,95. Informações: www.springeronline.com

MEDICINA

Importância da voz

A voz é parte da identidade pessoal. Qualquer alteração nos órgãos envolvidos em sua produção, como as pregas vocais, garganta, boca e nariz, entre outros, altera também a comunicação dos indivíduos. Neste livro, a médica Regina Helena Garcia Martins, professora da disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, *campus* de Botucatu, analisa as etapas do exame físico e destaca os atuais recursos disponíveis para o tratamento de pacientes com alterações vocais. A obra aborda, ainda, as principais doenças benignas da laringe, causadas por motivos funcionais ou orgânicos, ressaltando, por exemplo, os sintomas clínicos, diagnósticos diferenciais e possibilidades terapêuticas para cada uma delas. Totalmente ilustrado e com texto de fácil compreensão, o livro destina-se a médicos, fonoaudiólogos e estudantes. “Essa publicação é resultado das minhas observações clínicas, das pesquisas e das atividades diárias com meus alunos de graduação e pós-graduação”, esclarece a autora, que também é responsável pelo ambulatório de Foniatria e Distúrbios da Voz da FM.



Auto-retrato como alaudista, Jan Steen



A voz e seus distúrbios – Regina Helena Garcia Martins; Faculdade de Medicina da UNESP e Cultura Acadêmica Editora; 136 páginas; R\$ 38,00. Informações: (14) 3811-6140, com Vera Eliane, na Diretoria Administrativa da FM.

LETRAS

Produção dos alunos

Essa publicação divulga parte da produção científica discente do curso de Licenciatura em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto. Traz oito artigos das áreas de Educação, Literatura e Linguística, além de uma resenha sobre a obra *Americanidade, latinidade na América Latina e outros textos afins*, de Gilberto Freyre. Os trabalhos analisam um jornal escolar sob uma perspectiva interdisciplinar; o conceito de palavra em Barkthin e em Vygotsky; o hermetismo no escritor português Herberto Helder; a figura feminina num soneto de Bocage; uma leitura erótica de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; a construção do poema *Rondó de um capitão*, de Manoel Bandeira; e estudo de textos do próprio Bandeira, Castro Alves e Álvares de Azevedo; além da construção de sentidos em canções da MPB. “Em três anos e meio, publicamos aproximadamente 120 artigos, com diversas linhas de pensamento”, informa Alessandra Regina Guerra, integrante da Comissão Editorial.

(Colaborou Lucia de Mello Barbosa Luca Bolsista UNESP/Universia/Ibilce)



Revista *Mosaico* – Revista da graduação em Licenciatura em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto; 124 páginas; Informações: www.ibilce.unesp.br/enspesext/extensao/mosaico/index



Natureza morta, Luis Sociolito



As múltiplas faces de Isabel

Papéis da princesa brasileira, de filha a futura imperatriz, são tratados sem retoques

OSCAR D'AMBROSIO

Filha, noiva, esposa, mãe e futura imperatriz. Sucessiva e cumulativamente, a princesa imperial e regente do Brasil Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga (Rio de Janeiro, RJ, 1846 – França, 1921) ocupou esses papéis, sendo, em todo o século XIX, uma das únicas nove mulheres do mundo que estiveram no comando político de uma nação.

Mesmo assim, com uma vida riquíssima, a trajetória da filha do imperador Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina Maria de Bourbon tinha recebido, após a sua morte, apenas três biografias e poucos artigos. Em 2002, o inglês Roderick J. Barman, pesquisador da Universidade de British Columbia começou a preencher essa lacuna.

Agora publicado no Brasil pela Editora UNESP, o livro é o resultado de mais de 30 anos de pesquisas. Barman é autor de outros dois livros sobre o período imperial brasileiro. Sua fascinação pela princesa Isabel inclui, por exemplo, críticas às falhas da educação dela, como a falta de instrutores externos cedo o suficiente, a sobrecarga de conhecimentos desorganizados e a falta de

acesso à experiência do mundo exterior à família e aos palácios.

Isabel, para o pesquisador, também não foi preparada para ser brasileira. Elegante, bem-comportada, fluente em francês, inglês e alemão, devota e dedicada à família e às obras de caridade, o seu amor ao País, porém, seria voltado muito mais às plantas, aos animais e à paisagem, já que na infância teve pouco contato, excetuando-se os criados, com brasileiros.

O casamento, em 1864, arranjado, é focado no livro. O marido foi o nobre francês Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orleans, o Conde D'Eu, com quem teve três filhos. A questão é que o conde procurava ganhar espaço na corte nacional e D. Pedro II fazia de tudo para impedir essa ascensão.

Barman concluiu que Isabel não tomou partido e teria até mesmo procurado fingir que não havia esse conflito de interesses. Com a saúde abalada, após o colapso nervoso que sofreu, em 1869, quando era comandante-em-chefe na Guerra do Paraguai, o nobre francês deixou de rivalizar com o sogro.

O livro mostra ainda que a religião diferenciou bastante pai e filha. Enquanto o imperador seguia os preceitos da

Igreja sem grande devoção, ela, após a morte da irmã, um aborto e uma filha nascida morta, em 1871, 1872 e 1874, respectivamente, encontrou na fé um apoio indispensável.

Quando o imperador visitava a Europa, Isabel assumia o governo do Império. Eram as regências. Isso aconteceu três vezes. Durante a Primeira Regência, assinou a Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, que declarou livres os filhos de mulher escrava nascidos a partir daquela data. Na Terceira, referendou a Lei Áurea, dia 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão negra no País. Como aponta o pesquisador inglês, na Terceira Regência Isabel, de fato, estava mais disposta a participar dos assuntos do Estado.

O livro discorre ainda sobre as reações de Isabel perante o exílio na França após a Proclamação da República, em 1889, e ao enfrentar a menopausa, que significava a perda da fertilidade. Barman inclui trechos de cartas de Isabel ao pai e ao marido, documentação inédita e material fotográfico cedido pela família imperial.



A rainha e seus três filhos (esq.): vida riquíssima

A pesquisa constitui um mergulho na vida de uma mulher do século XIX que, embora conhecida pela maioria dos brasileiros apenas por ter assinado a Lei Áurea, reúne uma riqueza psicológica que merece ser melhor estudada e compreendida. Este livro é um passo importante que vislumbra novas janelas de interpretação para uma princesa de múltiplas facetas.

Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX – Roderick J. Barman; tradução Luiz Antônio Oliveira Araújo; 352 páginas; R\$ 39,00. Informações: (11) 3872-2861 ou www.editoraunesp.com.br



EDUCAÇÃO

A pedagogia econômico-sexual

Como o psicanalista Wilhelm Reich pode contribuir para a formação humana

Conhecido por livros como *A função do orgasmo* (1927), *Psicologia das massas e o fascismo* (1932), *A revolução sexual* (1945) e *Escuta, Zé Ninguém* (1948), Wilhelm Reich (1897-1957) foi muito mais do que um psicanalista. Austríaco, inicialmente discípulo de Freud, deu à repressão sexual um caráter sociopolítico e afirmou que a sublimação dos impulsos sexuais – ou seja, o desvio da energia da libido, reprimida pelo superego e pelas convenções sociais, para fins social e moralmente permitidos, como a arte – era característica da sociedade capitalista.

A educadora física Sara Quenzer Matthiesen, professora do Instituto de Biociências da UNESP, campus de Rio Claro, mostra neste livro uma outra vertente de Reich. A publicação é resultado da tese de doutorado de Sara, apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências, da UNESP de Marília.

Ela enfatiza o pensamento do autor voltado para a educação. Embora Reich não tenha escrito especificamente sobre o tema, Sara verifica, nas entrelinhas dos escritos do pensador austríaco, como o seu ideário poderia ser, grosso modo, condensado em “educar sem as mazelas tanto da frustração quanto da permissividade”.

Reich, como mostra a autora, pai de duas meninas e um menino, preocupava-se com uma educação menos autoritária, que não tolhesse a sexualidade infantil. Nesse sentido, foi a favor da necessidade de educação dos educadores, defendeu o onanismo na infância e se envol-



veu em numerosos debates em favor da liberdade sexual.

Acima de tudo, o livro apresenta Reich aos educadores, utilizando o termo “pedagogia econômico-sexual”, pouco usado pelo psicanalista, como um estímulo às

práticas educacionais, no sentido de conceber o ato educativo como calcado na regulação da energia sexual da criança.

Academias de ginástica e clínicas de cirurgia plástica lotadas, guias de orientação sexual esgotados nas prateleiras e programas de televisão erotizados não mostram a sexualidade plena e natural – a retomada da função do orgasmo, almejada por Reich –, mas nos obrigam a pensar sobre a educação sexual e do ser humano de modo geral.

Em termos de sexualidade infantil ou educação sexual, ter a primeira relação mais cedo, falar mais de sexo ou encarar a homossexualidade com aparente maior liberdade, não significa ausência de repressão sexual ou preconceito. Muitas relações sexuais, afinal, não são o objetivo de Reich, que acreditava, sim, no sexo como experiência emocional em que houvesse uma aliança com o outro. Nisso está uma de suas grandes lições para educar a humanidade. (OD)

A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual – Sara Quenzer Matthiesen; Editora UNESP; 260 páginas; R\$ 36,00. Informações: (11) 3872-2861 ou www.editoraunesp.com.br



EXPOSIÇÃO

Estudantes em 'Corpos Pintados'

Aluna pinta paisagens em dois colegas do Instituto de Artes

Roberta Fialho, aluna do Instituto de Artes (IA) da UNESP, *campus* de São Paulo, participou de duas sessões de pintura na exposição *Corpos Pintados*, realizada na Oca, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. A mostra, que ficou em cartaz até julho, foi idealizada pelo fotógrafo chileno Roberto Edwards, que reuniu trabalhos de 105 artistas que utilizam o corpo humano como suporte para obras de arte.

"Participar desse evento foi um desafio", conta Roberta, terceiranista do curso de Educação Artística com especialização em Desenho. No dia 9 de julho, em um palco no primeiro andar da exposição, Roberta e a modelo Emanuela Araújo, aluna do curso de Educação Artística do IA, com especialização em Artes Cênicas, passaram cerca de 4 horas em pé, até que a obra estivesse pronta.

O corpo nu de Emanuela foi coberto por três imagens diferentes: uma tempestade, pintada em tons frios na parte frontal; um sol poente (ou nascente), que preenchia as costas em cores quentes; e, dos pés ao joelho, representações de prédios feitas basicamente em tinta preta e branca. "Procurei estabelecer uma relação entre os fenômenos da natureza e a personalidade das mulheres contemporâneas", explica a artista.

Roberta busca retratar elementos da natureza, como o vento e, principalmente, a chuva. O trabalho da desenhista foi registrado pela organização do evento em um estúdio na Oca, onde Emanuela participou de uma sessão de fotos. No dia seguinte, Roberta pintou Emanuela e Iraçu Fuscaldo, aluno do IA com especialização em Música. "Ao convidar artistas em formação, pretendemos variar o repertório e dar oportunidade aos novos talentos", disse a coordenadora de produção do evento, Maria Montero.



Roberta (esq.) e Emanuela: relação da natureza com a mulher

MÍDIAS

Uma artista no mundo da tecnologia

Segundanista do IA responde por coluna em *site* de cultura eletrônica

Vivian Caccuri, aluna do segundo ano de Artes Plásticas do Instituto de Artes (IA) da UNESP, *campus* de São Paulo, é responsável pela coluna *Ateliê High-Tech*, que relaciona a arte ao universo eletrônico, no *site* www.eletronicbrasil.com.br, voltado para música e cultura eletrônicas e divulgação de eventos na área.

"Trata-se de uma coluna quinzenal que aborda assuntos como *pixels*, algoritmos, *cyborgs*, transgênicos, inteligência artificial, *laser*, vírus computacionais, ciência, máquinas, fenômenos e recursos tecnológicos, usados por artistas de maneiras inimagináveis. Esses temas são tratados de uma maneira dinâmica, sem aquele mau humor acadêmico dos cientistas", diz Vivian, que, em 2004, expôs no I Salão Aberto, paralelo à Bienal de Arte de São Paulo.



Vivian: assuntos vão de vírus de computador a inteligência artificial

Ela conta que foi convidada pelos responsáveis pelo *site*, que buscavam novos colonizantes, de DJs a cronistas, e acharam interessante ter uma área que relacionasse arte com os recursos eletrônicos também presentes na música. "O interessante é que escrever para a coluna vem de encontro às minhas necessidades artísticas", comenta.

Para Vivian, a pesquisa que faz, antes de escrever um ensaio, enriquece o seu repertório em Arte e Tecnologia e aguça os sentidos para projetos futuros. "O mais importante é manter o olhar crítico para obras que fazem o uso da tecnologia como fetichismo", afirma.

Alexandre Ferreira
Bolsista UNESP/Universia/IA

ESTÁGIOS

Ciee abre unidade em Guaratinguetá

Objetivo é inserir estudantes da região no mercado de trabalho



O Ciee (Centro de Integração Empresa-Escola), entidade de promoção de estágios para estudantes, inaugurou uma unidade de negócios no *campus* da UNESP em Guaratinguetá. O principal objetivo é, por meio do estágio, inserir os estudantes da região no mercado de trabalho.

Os serviços já estão disponíveis desde maio, com a previsão de atender cerca de 50 estudantes diariamente, de acordo com Valquíria Montanhini, supervisora do

Ciee em São José dos Campos e responsável pela unidade de Guaratinguetá. O novo escritório também deverá beneficiar universitários de Pindamonhangaba e Aparecida do Norte.

No local, o aluno poderá fazer busca por vagas, realizar ou atualizar cadastro e renovar contratos de estágio. "Com o novo escritório, também ampliaremos nossas ações para captar mais oportunidades para os estudantes", diz Valéria.

A unidade de negócios da UNESP, o

Ciee soma outros 200 pontos de atendimento no Brasil. Criada há 41 anos, a entidade mantém hoje cerca de 250 mil estagiários. Seu principal objetivo é a promoção de programas de estágio, em parceria com empresas e instituições de ensino de nível médio, técnico e superior. O serviço está disponível de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, no 2º andar do bloco I da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FEG).

Rodrigo Sakano Aredes
Bolsista UNESP/Universia/FE/Guaratinguetá

LEITURA DINÂMICA



PROJETO WEB-TV

Desde julho, está no ar, experimentalmente, o Projeto Web-TV, cujo principal objetivo é criar um espaço de ensino-aprendizagem para o curso de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da UNESP, *campus* de Bauru. Os alunos preenchem os espaços da programação com material elaborado para as disciplinas e com trabalhos de conclusão de curso. "Com a plataforma digital, as estruturas para produção da web-TV e da web-rádio não são caras. Em breve, a produção da programação será independente dos laboratórios, onde os programas são produzidos atualmente", assinala Antonio Francisco Magnoni, chefe do Departamento de Comunicação Social. Endereço do Web-mídias da Faac: www.faac.unesp.br/audiovisual/webtv e www.radiomundoperdido.tk

TEIA DO SABER

Teve início em junho, na unidade da UNESP em Itapeva, o curso Teia do Saber de Matemática Inicial, destinada a 35 professores de Matemática da rede estadual de ensino. A abertura do curso contou com a presença de Guilherme Corrêa Stamato, coordenador pedagógico da unidade, Claudio De Conti, coordenador do curso e docente da unidade, Leonice Andrade de Moura, gestora da Teia do Saber na região de Itapeva, e professores da unidade e da rede pública. O projeto, vinculado à Secretaria Estadual de Educação, fornece a professores da rede pública de ensino fundamental e médio a oportunidade de aperfeiçoamento na universidade. "A coordenação do curso, realizada por nossos docentes, é um passo muito importante para a realização de atividades de extensão na Unidade de Itapeva, abrindo caminhos para uma participação mais ativa da UNESP no desenvolvimento humano e econômico da região", declara Stamato. (Rômulo Rezende Dias – Bolsista UNESP/Universia/Itapeva)

CASA DE VEGETAÇÃO

A Casa de Vegetação da UNESP, localizada na Unidade de Dracena, garante a realização de trabalhos práticos pelos alunos, em especial os integrantes do Grupo de Experimentação em Nutrição e Aducação de Plantas (Genap). Com área de 150 m², o local é fruto de uma parceria entre a UNESP e a Prefeitura Municipal e atualmente abriga dois experimentos. Um quantifica os efeitos da interação do nitrogênio e do enxofre no crescimento da gramínea *Braquiaria decumbens*. O outro estuda o efeito residual de fertilizantes em leguminosas e no capim-colômbio. "As pesquisas visam à correta utilização de fertilizantes e do manejo da forragem. Buscam, ainda, melhorar a qualidade dos pastos e o resultado da produção dos pecuaristas", afirma Reges Heinrichs, docente da unidade. (Ives Rodolfo Fernandes – Bolsista UNESP/Universia/Dracena)

ENCONTRO DE APOSENTADOS

Em 24 de junho, foi realizado o I Encontro dos Aposentados do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice) da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto. O evento, além de promover o reencontro e a valorização dos aposentados, discutiu a reforma da previdência para as universidades e a dívida da UNESP com o Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (Ipesp). O reitor Marcos Macari realizou uma palestra em que abordou a situação dos aposentados nas universidades públicas do Estado e a isonomia salarial. "A comissão organizadora encaminhará uma proposta à administração para que o evento torne-se periódico", disse Neusa Helena de Oliveira, presidente da comissão organizadora do Encontro. (Lucia de Mello Barbosa Luca – Bolsista UNESP/Universia/Iblice)

O atual projeto de Reforma Universitária prevê a criação de ouvidorias em todas as universidades do Brasil, sejam públicas ou privadas. As três universidades públicas do Estado de São Paulo instalaram suas ouvidorias por força de lei estadual de 1999.

Entretanto, para muitos, o instituto da ouvidoria não é, ainda, bem conhecido; daí dedicarmos a “fala” deste mês a esse tema, objetivando esclarecer alguns pontos importantes. Isso porque, após a nossa indicação, recebemos com certa frequência, na Ouvidoria da UNESP, várias indagações, pedidos de informação, as mais diversas reclamações, críticas e até desabafos pessoais. Independentemente de serem ou não de nossa área específica, não temos deixado de responder ou redirecionar, aos setores adequados, todas as questões que nos chegam.

Uma das perguntas refere-se à diferença entre *ombudsman* e ouvidor. A origem é comum e há semelhanças. A sua prática remete-nos à intermediação entre a comunidade e o Estado. Após a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no processo revolucionário da França, em 1789 e anos posteriores, foi criada uma função de fiscal para garantir o cumprimento das leis governamentais.

Com esse espírito, a Constituição da Suécia adotou o nome “*ombudsman*” para o indivíduo que exercia esse papel. Na América portuguesa incorporou-se o termo, traduzido para “ouvidor”. Os bispos desempenhavam essa função, levando ao monarca as reclamações e inquietações dos colonizadores.

Nos dias atuais, o vocábulo é mais usado na empresa privada, onde o *ombudsman* situa-se entre o consumidor e os empresários, em defesa da qualidade do produto oferecido. Na universidade e no serviço público consagrou-se o uso do termo “ouvidoria”. Na Espanha, a denominação, no caso da universidade, é “*defensoria*”. Parece-nos apropriado, pois a universidade tem as suas peculiaridades, não obstante haver semelhanças na preocupação de melhorar o produto ou serviço prestado à população-alvo.

Uma demonstração da alta em que se encontra a



A ouvidoria universitária está em alta

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR



Figura e borbolete, Milton Dacosta

ouvidoria foi dada, também, pela reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* (11/7/2005, p. A 14), sob o título “Ouvidor facilita identificação de problemas em universidades”. A autora do texto captou bem na sua manchete uma das tarefas essenciais da ouvidoria, após entrevistar alguns representantes de universidades de São Paulo. Constatou, ainda, a existência de mais de mil ouvidores em empresas e apenas pouco mais de 30 nas universidades, número esse que sem dúvida vai crescer significativamente.

No ensino público superior e na UNESP, em particular, temos muitos problemas, alguns bem conhecidos e outros a detectar. É extremamente importante, porém, que a comunidade universitária adquira confiança na ouvidoria e se habitue a exercer os seus direitos sem qualquer inibição, acreditando na sua eficácia, apesar da crise ética atual que a todos estarrece. Não podemos sucumbir, como cidadãos e como universitários.

Voltando à reportagem citada, há uma afirmação de que o ouvidor da UNESP “defende eleições diretas para ouvidor...”, que se deve ao saudável entusiasmo democrático da jornalista, pois temos consciência dos impedimentos materiais. Mas não há dúvida de que, quanto mais democrática for a indicação do ouvidor, melhores condições ele terá para exercer seu papel mediador. Aliás, a resolução que regulamenta a ouvidoria merece discussões e aperfeiçoamentos. Voltaremos ao assunto.

Gostaríamos de receber sugestões da comunidade. Para tanto, não só a resolução, mas toda a legislação está disponível no recém-inaugurado *site* da Ouvidoria da UNESP, mais um serviço a atestar a intenção de estimular o diálogo. Os interessados podem entrar em contato pelos seguintes canais: www.unesp.br/ouvidoria, telefone (11-3252-0555), fax (11-3252-0506) ou pelas portas abertas no 5º andar da Reitoria.

Reiteramos a importância da participação da comunidade para dar vida à virtualidade. Como se vê, estamos caminhando. Não só a ouvidoria, mas os três segmentos da UNESP estão em alta.

EVENTOS DE AGOSTO/SETEMBRO

1º a 19/08 – Rio Claro. Período de inscrição para a seleção para o Programa de Pós-Graduação em Geografia (mestrado e doutorado). No IGCE. Informações: Divisão Técnica Acadêmica – Seção de Pós-Graduação, (19) 3526-221.

2/08 – Bauru. Último dia para enviar resumos de comunicações a ser apresentadas na VII Jornada Multidisciplinar: Humanidades em Comunicação, a ser realizada de 17 a 20/10. Promoção: Departamento de Ciências Humanas e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faac. Informações: jornada2005@faac.unesp.br e www.faac.unesp.br/eventos/jornada2005

3 a 4/08 – Belo Horizonte. Conferência do Sudeste de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento, evento que integra a Conferência Nacional (3º CNCTI), marcada para o final de outubro, em Brasília. No Fiemg Trade Center. Rua Timbiras, 1200. Informações: www.cetec.br/cnctisudeste ou conferencia.sudeste@tecnologia.mg.gov.br

4 a 19/08 – São José do Rio Preto. Inscrições para a II Semana de Pedagogia, a ser realizada de 22 a 26/08. Local: Hall de Entrada do Ibilce. De 4 a 12 de agosto, das 18h30 às 19h30 (valor: R\$ 15,00, para os alunos do Ibilce, e R\$ 20,00, para a comunidade externa). De 15 a 19 de agosto, das 15h30 às 19h (valor: R\$ 20,00 para os alunos do Ibilce e R\$ 25,00 para a comunidade externa). Informações: (17) 3221-2486, ou simone@ibilce.unesp.br

5/08 a 24/09 – Assis. Curso de Extensão: Patrimônio e Memória. Local: CEOAP na FCL. Responsável: Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva. Informações: zelias@assis.unesp.br

5/08 – Botucatu. II Fórum: Leishmanioses. Realidade e desafios nas zoonoses. Coordenação: José Rafael Modolo, Helio Langoni e Simone Baldini Lucheis. Na FMVZ. Informações: (14) 3811-6019/6008, na Funvet/FMVZ/Unesp/Botucatu.

5 a 14/08 – Araraquara. Campanha de Prevenção do Câncer Bucal. Promoção: Departamento de Diagnóstico e Cirurgia. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (16) 201-6431.

06 e 07/08 – Conselho Regional dos Estudantes de Psicologia: Horário: manhã e tarde Local: Anfiteatro Antônio Merisse. D encontro dos estudantes de Psicologia do Estado de São Paulo discutirá diversos temas referentes ao curso em todo Estado. Responsável: CAPSIA – capsia_unesp@yahoo.com.br

6 e 7/08 – Assis. Encontro dos estudantes de Psicologia do Estado de São Paulo. Organização: Conselho Regional dos Estudantes de Psicologia. No Anfiteatro Antônio Merisse. Podem participar todos os estudantes de Psicologia do Estado de São Paulo. Informações: capsia_unesp@yahoo.com.br

8/08 – São Paulo. Palestra de Renato Janine Ribeiro, diretor da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sobre “Mestrado profissional”. As 14h. Na Reitoria. Transmissão pelos sistemas de videoconferência e unespTVnet para as 33 Unidades no Interior do Estado. Promoção: Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Informações: prog@reitoria.unesp.br ou (11) 3252-0253/54.

8 e 9/08 – Araraquara. III Ciclo de Conferências Aquisição da Linguagem, com Marie-Thérèse Vasseur (LEAPLE-CNRS e Université du Maine – França). Promoção: Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Oia 8. A explicação na socialização em família. Dia 9. A socialização linguística em sala de aula: a explicação em L2. As 14h30. No Anfiteatro C. Tradução simultânea: Guacira M. M. Leite. Informações: (16) 3301-6234 ou www.fclar.unesp.br

8/08 – Águas de Lindóia. Término do prazo para inscrição com apresentação de trabalho para o VIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, a ser realizado de 25 a 29/09. Modos de ser educador: artes e técnicas, e ciências e políticas. Coordenação: Raquel Lazzari Leite Barbosa (FCL/Assis). Realização: Pró-Reitoria de Graduação. Informações: www.unesp.br/congresso

9 a 11/08 – Marília. IV Jornada do Núcleo de Ensino de Marília: releitura de Marx para a educação atual. No Anfiteatro I. Na FFC. Informações: www.marilia.unesp.br/eventos/4jne.htm

9/08 a 25/10 – Marília. Curso de Extensão Universitária História e cultura dos povos negros: África-Brasil III. As terças-feiras. As 19 h. Organização: Claude Lépine. Promoção: Departamento de Sociologia e Antropologia e Nupe (Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão). Na FFC. Informações: www.marilia.unesp.br/atividades/eventos/2005/hcpnab/meio.htm

9 a 11/08 – Marília. IV Jornada do Núcleo de Ensino de Marília: releitura de Marx para educação atual. No Anfiteatro I da FFC. Informações: <http://polo1.marilia.unesp.br/atividades/eventos/2005/4jne/index.htm>

10 a 13/08 – Botucatu. II Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Na FCA. Informações: (14) 3811-7100

10 a 12/08 – Araraquara. VI Seminário de Economia Industrial – “A Retomada do Crescimento Econômico: O Papel da Indústria e da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior”. Informações e programação completa do evento: <http://geein.fclar.unesp.br/eventos/viseminario/principal.php>

10 a 13/08 – Botucatu. II Encontro Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Informações: www.mutuando.org.br ou www.encontro@mutuando.org.br

10/08 – Rio Claro. Último dia para o Curso de Extensão Universitária Direito Ambiental: teoria e prática. Módulo III: Direito de propriedade x Direito ambiental e urbanístico, a ser realizado de 29/08 a 2/09. No Centro de Estudos Ambientais. Dia 29, das 1 h às 18 h. Dias 30/08, 31/08 e 1º/09 das 8 h às 12 h e das 14 h às 18 h. Dia 2/09, das 8 h às 12 h. Informações: (19) 3534-0122, cea@rc.unesp.br e www.rc.unesp.br/ib/cea

10/08 – Guaratinguetá. Colóquio “Física ensino e educação”, com Maurício Pietrocchi (FE-EOM/USP). Dentro do evento “Ano Internacional da Física – 100 anos da relatividade: um passeio através da Física”. Organização: Departamento de Física e Química. As 19h30. No Anfiteatro III da Faculdade de Engenharia (FE). Apoio: Proex/Fundunesp, FE e Sociedade Brasileira de Física. Informações: camposc@feg.unesp.br

29 a 31/08 – Marília. Seminário Científico Teoria Política do Socialismo. Na FFC. Informações: www.marilia.unesp.br/eventos/tps.htm

2/09 – Término das inscrições para o Prêmio Mário Covas 2005, nas categorias Atendimento ao Cidadão; Recursos Humanos e Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. Informações: www.premiomariocovas.sp.gov.br

29/08 a 3/09 – São Vicente. III Semana da Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro. Informações: <http://www.csv.unesp.br/semana/index.htm>

1º a 3/09 – Rosana. I Encontro Nacional de Turismo em Áreas Naturais. Conferências e apresentação de trabalhos na forma de pôster. Área: Meio Ambiente, Pesquisa e Turismo. Na Unidade da UNESP de Rosana e Casa da Cultura de Primavera. Informações: www.rosana.unesp.br/encontro/, (18) 284-1153 ou ecotur@rosana.unesp.br

2 e 3/09 – Guaratinguetá. PBLTech 2005 – International Workshop on Project Based Learning and New Technologies. Clube dos 500 Hotel & Resort. Organização: Unesp/Guaratinguetá/Programa de Pós-graduação/ Engenharia Mecânica. Informações: pbltech@feg.unesp.br e www.feg.unesp.br-rioparaiba/pbltech

Formação de Educadores

Organizado pela Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, o VIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores será realizado de 25 a 29 de setembro, em Águas de Lindóia (SP). O tema será “Modos de ser educador: artes e técnicas, ciências e políticas”. A palestra de abertura será de Teresa Colomer, da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Haverá cerca de 20 seminários temáticos, com temas como políticas públicas para educação infantil; estágio, pesquisa e formação docente; formação humanista no Ensino Médio; e Educação de Jovens e Adultos. Haverá também mesas-redondas e discussões por grupo de trabalho. Interessados em apresentar trabalhos devem se inscrever até 8 de agosto. Informações: www.unesp.br/congresso/

dade: um passeio através da Física”. Organização: Departamento de Física e Química. As 19h30. No Anfiteatro III da Faculdade de Engenharia (FE). Apoio: Proex/Fundunesp, FE e Sociedade Brasileira de Física. Informações: camposc@feg.unesp.br

10, 11 e 12/08 – Bauru. 4º Ciclo de Palestras em Conforto Ambiental, organizado pelo Núcleo de Conforto Ambiental – NUCAM, do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo – DAUP – FAAC. Informações: (14) 3103-6069.

11/08 – São Paulo. Seminário Internacional: Governança Pública; e Ética e Responsabilidade Social. No Memorial da América Latina. Das 9 h às 17 h. Realização: Fundação Mario Covas e UNESP. Informações: (11) 3105-9595, www.fmcovas.org.br e seminario@fmcovas.org.br

11 e 12/08 – Botucatu. II Seminário Paulista de Estruturicultura. No Auditório “Paulo Rodolfo Leopoldo”, Fazenda Lageado, FCA. Informações: (14) 3811-7150.

11 e 12/08 – São José do Rio Preto. 5º Seminário de Estudos Linguísticos. Informações: (17) 221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br

12/08 – Marília. VI Simpósio em Filosofia e Ciência no Portal da UNESP, a ser realizado de 4 a 7/10. Tema central: “Universidade e contemporaneidade: produção do conhecimento e formação profissional”. Coordenador do evento e presidente da Comissão Permanente de Pesquisa – UNESP/Marília: Pedro Angelo Pagni. Informações: www.marilia.unesp.br/eventos/sfsc.htm

12 e 13/08 – Botucatu. II Encontro Brasileiro sobre Anonáceas: Propagação e Produção de Mudas. Anfiteatro do Instituto de Biociências de Botucatu – IB – UNESP – Campus de Botucatu – SP (Rubião Jr. e Itaberá. Informações: (14) 3811-7100.

12/08 – Assis. Mesa-redonda “Violência e vulnerabilidade social”. No Anfiteatro da UNIP. As 19h30. Responsável: José Luiz Guimarães. Informações: jluiz@assis.unesp.br, www.assis.unesp.br/saepe/onlinenevlg.htm

15/08 – Araraquara. Prazo final de inscrição para a 52ª Jornada Farmacêutica da Unesp (JFU) – Inovação e Produção de Conhecimento, a ser realizada de 20 a 26 de agosto. Organizadores: Comissão Organizadora da JFU. Oas 8 h às 22 h. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP (FCF). Informações: (016) 3301-6959 e <http://www.jfunesp.com.br>

16 a 20/08 – Botucatu. Curso Hipertensão pulmonar e síndrome do desconforto respiratório: etiologia, epidemiologia, fisiopatologia, clínica e formas de ventilação. Coordenação: Michel Pfeifer, pesquisador intensivista e pneumologista. Na FM. Informações: ferreira@fmb.unesp.br, (14) 3882-2969.

16 a 19/08 – Araraquara. XX Semana de Estudos Clássicos: 20 anos refletindo 2.000 anos e mais... Promoção: Secretaria Regional Sudeste 2 da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (Regional SE-2-Araraquara) e Departamento de Linguística da FCL. Informações: (16) 3301-6233, <http://classica.org.br/se2> e se2@classica.org.br

18 e 19/08. Primeiro Seminário UNESP de Educação Internacional. No SESC – Araraquara. Promoção: Assessoria de Relações Externas – ARES, Escritórios Locais de Relações Internacionais – ERLs – da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara e da Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu. Divulgação: Assessoria de Relações Externas. Informações: (11) 3252-0439 ou bethurb@reitoria.unesp.br

18 a 20/08 – Araraquara. III Evento de Educação em Química (III EVEQ), II EPPEO (Encontro Paulista de Pesquisa em Ensino de Química) e III Fórum de Professores de Química do Ensino Médio. No IO. Informações: www.iq.unesp.br/eventos

18 a 20/08 – Araraquara. Realização do III Evento de Educação em Química (EVEQ). No Instituto de Química. Informações: (16) 3301-6600, ramal 6836, jamaruyama@yahoo.com.br e www.iq.unesp.br/eventos

18 a 21/08 – Iguape. II Seminário de Pesquisa do Vale do Ribeira. Apoio: UNESP/São Vicente e UNESP/Registro. No Ibama. Informações: valedoribeira@pucsp.br ou www.pucsp.valedoribeira

18/08 – Araraquara. Seminário Científico da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Palestra *The essential sensory properties of traditional food products*, de John Raymond Piggott, da University of Strathclyde (Escócia). Das 17 h às 18 h. Informações: (16) 3301-6900.

18 e 19/08 – São José do Rio Preto. Venha nos Conhecer. Informações: (17) 221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br

19/08 – Botucatu. Debate “Financiamento da Pós-Graduação na UNESP”. Participantes: Renato Janine Ribeiro (Capes), Erney Camargo (CNPq) e Carlos Vogt (Fapesp). Promoção: Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Na Faculdade de Ciências Agrônômicas. Transmissão pelos sistemas de videoconferência e unespTVnet para as 33 Unidades no interior do Estado. Informações: prog@reitoria.unesp.br ou (11) 3252-0253/54.

19 a 21/08 – Botucatu. II Curso de Atualização em Oncologia Veterinária. Na FMVZ. Informações: www.fmvz.unesp.br

20 a 26/08 – Araraquara. 52ª Jornada Farmacêutica da UNESP (JFU) – Inovação e Produção de Conhecimento. Organizadores: Comissão Organizadora da JFU. Simpósios, palestras, cursos de curta e longa duração e eventos socioculturais. Oas 8 h às 22 h. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp (FCF). Informações: (16) 3301-6959 e <http://www.jfunesp.com.br>

22 a 29/08 – Bauru. Simpósio de Interfaces das Representações Urbanas em Tempos de Globalização. Áreas: Arquitetura, Comunicação, Educação, Geografia, Artes e Representação Gráfica. Informações: www.faac.unesp.br e www.sescsp.com.br

22 a 28/08 – Botucatu. IX Semana da Bio. Palestras, mesas-redondas, oficinas e minicursos. Das 8 h às 20 h. No Instituto de Biociências (IB). Informações: semanadabiobtu@yahoo.com.br ou www.ibb.unesp.br/semanadabio

22/08 – Término das inscrições para o XVII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, a ser realizado de 8 a 9/11. Informações: (11) 3252-0505 ou (11) 3252-0499, congresso@unesp.br ou www.unesp.br/cic

22 a 26/08 – São José do Rio Preto. II Semana de Pedagogia. Tema: “Política de formação e identidade profissional”. Organização: Ibilce/UNESP, discentes do curso de graduação em Pedagogia e docentes do Departamento de Educação do Ibilce. Carga horária: 15 h. Local: Auditórios A e C do Ibilce. Período de Inscrição: 4 a 19 de agosto. Informações: 3221-2486, ou simone@ibilce.unesp.br

22 a 26/08 – Ilha Solteira. IX CREAM (Congresso Nacional de Estudantes de Engenharia Mecânica). Evento oficial da ABCM (Associação Brasileira de Engenharia e Ciências Mecânicas). Organização: Departamento de Engenharia Mecânica da FEIS, pelo Centro Acadêmico Ozires Silva (CAOS) e pelo Programa de Educação Tutorial (PET). Informações: www.dem.feis.unesp.br/cream2005

22 a 26/08 – Marília. III Semana de Relações Internacionais. Tema: Ideias e cultura nas Relações Internacionais. Promoção: Conselho de Curso de Relações Internacionais. Informações: www.marilia.unesp.br/eventos/3ri.htm e (14) 3402-1302.

22 a 26/08 – Ilha Solteira. Realização do XII Congresso Nacional de Estudantes de Engenharia Mecânica. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (18) 3743-1038, www.dem.feis.unesp.br/cream2005 e cream2005@dem.feis.unesp.br

23/08 – Jaboticabal. Cisam – Fórum de Sustentabilidade Ambiental do Brasil: cana-de-açúcar e commodities ambientais. No Centro de Convenções “Dr. Ivaldo Melito”. Na FCAV. Informações: (16) 3203-1322 e www.funep.fcv.unesp.br/eventos

23 a 25/08 – Botucatu. III Simpósio de Marketing Agropecuário. Na FCA. Informações: (14) 3811-7100.

24/08 – Jaboticabal. Cisam – Fórum de Sustentabilidade Ambiental do Brasil. Tema: Cana-de-açúcar e commodities ambientais. No Centro de Convenções da FCAV. Informações: (16) 3203-1322, eventos@funep.fcv.unesp.br ou www.funep.fcv.unesp.br/eventos

24/08 – Guaratinguetá. Colóquio “Movimento Browniano”, com Sílvia Salinas, do Instituto de Física/USP. Dentro do evento “Ano Internacional da Física – 100 anos da relatividade: um passeio através da Física”. Organização: Departamento de Física e Química. As 19h30. No Anfiteatro III da Faculdade de Engenharia (FE). Apoio: Proex/Fundunesp, FE e Sociedade Brasileira de Física. Informações: camposc@feg.unesp.br

29 a 31/08 – Marília. Seminário Científico Teoria Política do Socialismo. Na FFC. Informações: www.marilia.unesp.br/eventos/tps.htm

2/09 – Término das inscrições para o Prêmio Mário Covas 2005, nas categorias Atendimento ao Cidadão; Recursos Humanos e Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. Informações: www.premiomariocovas.sp.gov.br

29/08 a 3/09 – São Vicente. III Semana da Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro. Informações: <http://www.csv.unesp.br/semana/index.htm>

1º a 3/09 – Rosana. I Encontro Nacional de Turismo em Áreas Naturais. Conferências e apresentação de trabalhos na forma de pôster. Área: Meio Ambiente, Pesquisa e Turismo. Na Unidade da UNESP de Rosana e Casa da Cultura de Primavera. Informações: www.rosana.unesp.br/encontro/, (18) 284-1153 ou ecotur@rosana.unesp.br

2 e 3/09 – Guaratinguetá. PBLTech 2005 – International Workshop on Project Based Learning and New Technologies. Clube dos 500 Hotel & Resort. Organização: Unesp/Guaratinguetá/Programa de Pós-graduação/ Engenharia Mecânica. Informações: pbltech@feg.unesp.br e www.feg.unesp.br-rioparaiba/pbltech

Dúvida sobre capacidade da linguagem de representar a realidade marca obra de José Paulo Paes

A IRONIA QUE FAZ A POESIA

Célebre pelo caráter extremamente conciso, quase telegráfico de sua linguagem, o poeta José Paulo Paes (1926-1998) atingiu uma estética chamada por muitos de minimalista, por causa de sua preocupação de dizer o máximo usando o mínimo de palavras. Esse universo extremamente rico, analisado sob a ótica da ironia utilizada pelo poeta, foi o tema do doutorado defendido por João Carlos Biella na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, *campus* de Araraquara.

A pesquisa, intitulada *Um ensaio sobre a ironia na poesia de José Paulo Paes*, mostra como o poeta paulista utiliza-se do humor para estabelecer cumplicidade com o leitor. “Paes escreveu poemas carregados de ironia, humor e sátira, características diferentes das apresentadas por seus contemporâneos, os escritores pertencentes à chamada Geração de 45, que tinham como traço comum o rigor formal em suas criações”, explica o pesquisador.

O período estudado vai de *Novas cartas chilenas* (1954) até *A poesia está morta mas juro que não fui eu* (1988), no qual, de acordo com Biella, uma poesia inicialmente caracterizada pela aprendizagem de uma tradição se transforma, passando a enfatizar a reflexão sobre o transcurso do tempo. “Com modos tradicionalmente considerados não sérios, Paes descreve, por exemplo, o tempo histórico no qual está inserido”, explica o pesquisador.

15 de novembro
a marcha das utopias

não era esta a independência que eu sonhava
não era esta a república que eu sonhava
não era este o socialismo que eu sonhava
não era este o apocalipse que eu sonhava

De acordo com Biella, Paes entrou para a literatura pelas portas do que se convencionou chamar de Geração de 1945, que reuniu entre seus principais nomes João Cabral de Mello Neto, Lêdo Ivo, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Domingos Carvalho da Silva. “O humor se tornou impopular entre vários autores desse período, e o prosaísmo foi evitado a todo custo, porque as modernas gerações foram invadidas de novo pela convenção de uma maior formalidade poética”, declara.

Atitude cética

Em sua prática estética, segundo o pesquisador da FCL, Paes incorporou o princípio-corrosão, que ligaria os dois procedimentos impulsionadores de sua poética: o hermenêutico e o histórico-crítico. O primeiro refere-se à influência, nos poetas, de todas as heranças culturais disponíveis. “Eles se portam então como críticos, intérpretes ou arqueólogos de formas e matrizes culturais para fundamentarem suas poéticas em determinadas tradições”, explica. “Dessa forma, a tradução e a pesquisa de várias formas e gêneros literários, empreendidas por Paes, podem ser consideradas como atividades laboratoriais ligadas ao seu ofício poético.”

O segundo procedimento, o histórico-crítico, é concebido como uma experiência de decepção perante o progresso e a crença no poder regenerador da cultura intelectual. “Surge uma atitude cética relativa à verdade da poesia e ao alcance iluminador da palavra, tanto para o indivíduo como para a sociedade”, informa o autor do trabalho.

De acordo com o pesquisador, Paes acreditava, inicialmente, que a poesia poderia levar uma mensagem de resistência às injustiças sociais e às contradições de seu tempo. A partir de *Epigramas* (1958), porém, a decepção do sujeito lírico leva-

o à desconfiança da palavra poética no tocante à sua capacidade de representação da realidade. “O poeta, como se torna evidente em *Termo de Responsabilidade*, fica apenas com a consciência de suas idiossincrasias e crenças”, diz.

Termo de responsabilidade

mais nada
a dizer: só o vício
de roer os ossos
do ofício

já nenhum estandarte
à mão
enfim a tripa feita
coração

silêncio
por dentro sol de graça
o resto literatura
às traças!

A análise de Biella privilegia os livros *Epigramas* (1958), *Anatomias* (1967) e *Meia palavra* (1973). Um dos fios condutores de sua interpretação é a obra do filósofo Richard Rorty, utilizada como paradigma para conceituar ironia. Segundo o intelectual norte-americano, o ironista é aquele que satisfaz três condições: tem dúvidas radicais e permanentes sobre o vocabulário que utiliza; nota que não pode dissolvê-las; e não pensa que as suas soluções sejam melhores do que as utilizadas pelos outros. “Paes se encaixa nesse perfil. Se, por um lado, sabe que a sua linguagem pode mudar crenças e desejos, por outro, também tem ciência da impossibilidade de ela representar a realidade.”

Recursos concretistas

Paes viveu entre livros. Nasceu num quarto bem ao lado da Livraria, Papelaria e Tipografia J. V. Guimarães, que era de propriedade de seu avô, em Taquaritinga (SP). “Em vez de se fechar ao mundo, como a geração de 45, porém, Paes preferiu estudar as lições dos modernistas para seguir os seus próprios caminhos”, comenta o pesquisador.

Entre 1960 e 1982, atuou como diretor do departamento editorial da Cultrix. Essa atividade o levou a conhecer vários professores e críticos de literatura, além dos poetas concretistas Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. “Nunca houve uma identificação plena com estes últimos, mas a incorporação de alguns procedimentos”, analisa Biella.

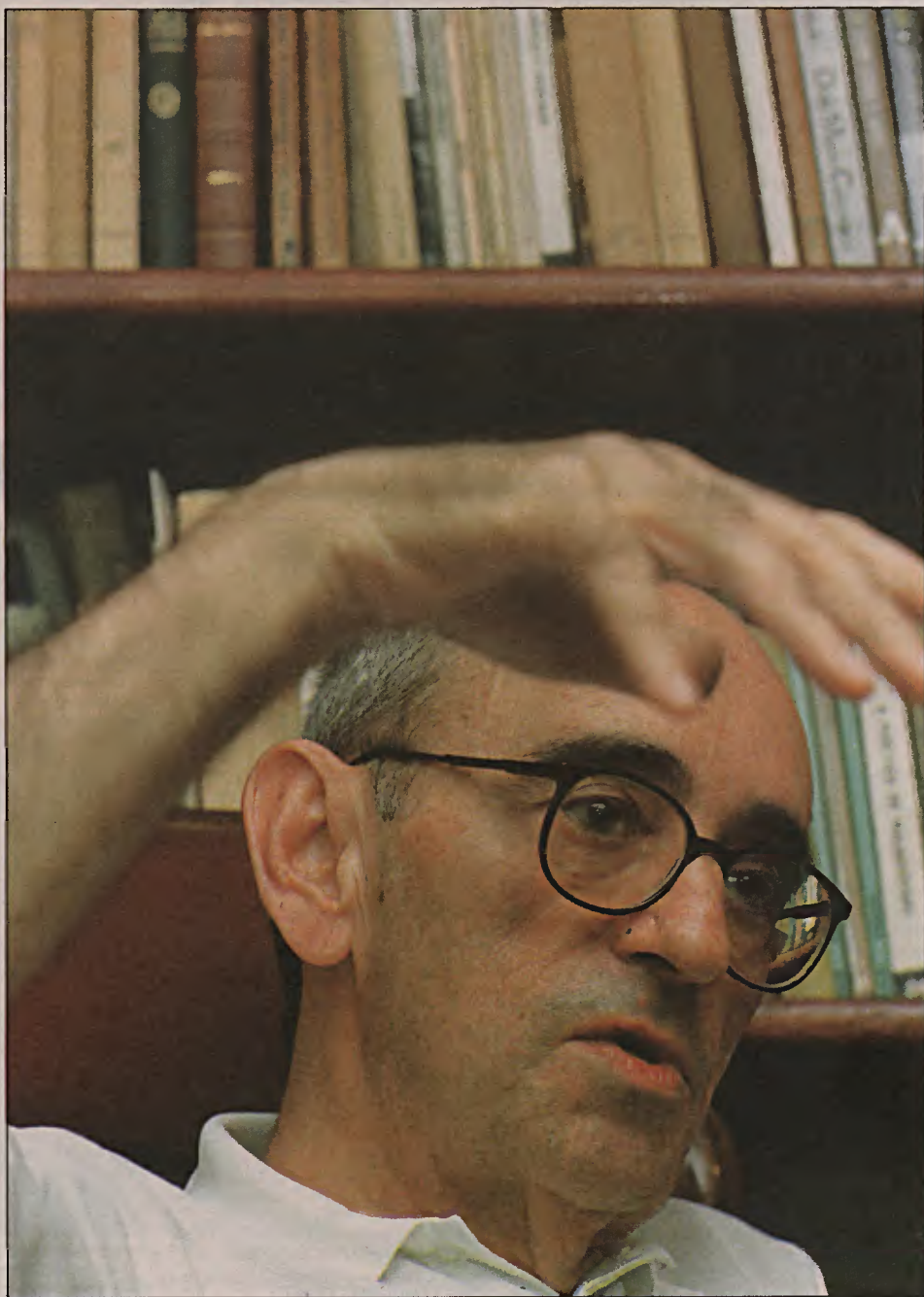
Entre as técnicas concretistas que foram absorvidas por Paes, de acordo com o pesquisador, encontra-se a quase ausência ou ausência, em alguns poemas, de conexões gramaticais. “O emprego de signos não-verbais, a exploração do branco da página e a enumeração repetitiva, entre outras, são bastante utilizadas”, conta.

Epitáfio para um banqueiro

negócio
ego
ócio
cio
o

O poema, para Biella, mostra que a atividade de vida do banqueiro não evitou a sua morte. “Só há desgaste e, no final das contas, posto que a corrida pelo dinheiro e pelo poder não lhe garantiu um mínimo de lembrança, restou a nulidade”, afirma. “Este poema mostra bem alguns aspectos da poesia de Paes, mas é preciso lembrar que ele não se rende facilmente a interpretações esquemáticas”, adverte o pesquisador. “A partir da proximidade entre a ironia e outros recursos, surge um artista da palavra com uma poética complexa”, conclui.

Oscar D’Ambrosio



Celso Junior/Agência Estado

Traduções também são respeitadas

O poeta, crítico e tradutor José Paulo Paes nasceu em 22 de julho de 1926. Seu primeiro livro, *O aluno*, data de 1946. Mudou-se para a cidade de São Paulo em 1949 e, em 1960, deixou a indústria farmacêutica, onde atuava como químico, para trabalhar na Cultrix. Em 1961, foram publicados seus *Poemas reunidos*, contendo livros anteriores e as séries *Novas cartas chilenas* e *Epigramas*. Em 1986, foi publicado *Um por todos*, uma nova reunião de seus livros de poemas. Recebeu o Prêmio Jabuti em 1997 (com o livro *Um passarinho me contou*) e em 1998 (pela tradução de *Ascese*, de Nikos Kazantzákis).

Tradutor de prestígio, Paes verteu centenas de títulos, entre ensaios, contos, romances e poemas de diversos idiomas — dominava inglês, grego, italiano, latim, dinamarquês, francês e alemão. Entre os autores mais significativos que traduziu, além de Kazantzákis, estão Laurence Sterne e Lewis Carroll. Em 1987 tornou-se diretor da oficina de tradução de poesia no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) da Unicamp. Para ele, ao contrário do que argumentam alguns puristas, é perfeitamente possível a tradução de poesia, desde que se tenha o compromisso de fazer o melhor possível, sempre levando em conta que a ação do tradutor é auxiliar o leitor a penetrar na essência do poema, não retirando a pluralidade do texto, mas indicando uma das múltiplas formas de leitura.

(OD)